



Percey del.

Gravado en el Museo de Historia Natural de Madrid.

NAPOLÉON 3^o

Imperador dos Franceses.

LUIS NAPOLEÃO BONAPARTE,

IMPERADOR DOS FRANCEZES.

LUIS Napoleão Bonaparte nasceu em Paris a 20 d'Abril de 1808, de Luiz, rei da Hollanda, irmão do imperador, e de Hortencia Eugenia de Beauharnais, filha da imperatriz Josephina.

O seu nascimento foi um grande acontecimento nacional. Dos Pyreneos ao Baltico, do Mediterraneo ao Danubio, 120 milhões d'homens o saudaram com as suas patrioticas aclamações. No intimo de suas consciencias todos pensaram, que este menino real, podia ser chamado um dia a perpetuar a dynastia napoleonica, de que o glorioso chefe não tinha ainda um herdeiro do proprio sangue.

Foi levado á pia baptismal pelo imperador e imperatriz, e solemnemente baptizado pelo cardeal Fesch, seu tio, no meio das pompas da egreja metropolitana de Notre-Dame. Paris o adoptou, celebrando n'essa occasião festas magnificas.

De repente a scena mudou. Moscow incendiou-se; a neve e a fome se ligam com o incendio contra esta dynastia filha da guerra, que parecia não poder ser derrubada pela mão do homem. Por um esforço supremo, a Europa, tantas vezes vencida, pega novamente em armas; o campo de batalha, que em 1812 chegára ao coração da Russia, recua para Dresda em 1813, e para os arredores de Paris em 1814, tão rapida é a mudança de fortuna; a traição, o numero, e a ingratição triumpham do heroismo e do genio; e o astro imperial, depois de ter, durante 15 annos, cheio o mundo do brilho offuscador dos seus raios, vae sumir-se tristemente a duas mil leguas da sua querida França, em as arêas abrazadoras de Santa Helena, rochedo selvagem, que tão sublime agonia transforma em um verdadeiro templo.

Então começou na terra do exilio uma vida de perseguição e de tormentos para a familia do novo Cesar.

A rainha Hortensia retirou-se para Augsbourg. Esta affectuosa e encantadora mulher, que, segundo a expressão de um dos seus biographos, saiu já das mãos de Deus feita um verdadeiro composto de graças e formosura,

foi sobre o throno de uma simplicidade adoravel, e, durante as longas privações do desterro, mostrou-se cheia de magestade e de coragem. Em a piedosa exaltação da sua ternura não teve mais do que um pensamento — tornar por meio de uma educação forte, popular, e em relação com as idéas da epocha, o seu adorado filho digno do grande nome que tinha, e dos altos destinos que para elle anevia no futuro. Mr. Vieillard, antigo official d'artilheria, hoje membro do senado, foi admittido por ella á honra de a ajudar n'esta doce e nobre tarefa. Obrigada a deixar a Baviera, veio, em 1824, estabelecer-se na Thurgovia, junto ás margens do lago de Constanca, no castello d'Arenenberg, onde seu filho completou a sua educação por um estudo serio das mathematicas e da historia.

Valente de corpo e de espirito, entusiasta e generoso de coração, sob um exterior socegado e severo, Luiz Napoleão, cuja educação militar, scientifica e litteraria tinha terminado, publicou duas obras notaveis: *Considerações politicas e militares sobre a Suissa*, e um *Manual d'artilheria*, que lhe grangearam, além da approvação de todos os homens esclarecidos, o titulo honorifico de cidadão de Thurgovia, e o posto, tambem honorifico, de capitão d'artilheria d'este paiz; foi então, que, no meio das suas meditações e dos seus sonhos, rebentou como um raio a noticia da revolução de julho.

Esta revolução, tão pura de excessos e tão rica de promessas, exaltou-o. Acreditou que as portas da sua França, tão querida e tantas vezes chorada, iam, finalmente, abrir-se para a sua familia. Mas as suas esperanças foram cruelmente illudidas. Este drama, que se tinha annunciado com tanta grandeza, degenerou bem depressa em parodia (1), e todos os beneficios d'esta gloriosa insurreição do direito contra a força, da liberdade contra o absolutismo, se acharam por uma habil especu-

(1) Esta biographia é traduzida litteralmente do francez, e extrahida da obra de mr. Bouyer — *Illustrações contemporaneas*.

lação roubados ao povo, que ainda esta vez tinha vencido por uma outra causa, sem ser a da patria. O ostracismo continuou a pesar sobre a familia Napoleão.

Entretanto o movimento de julho tinha repercutido na Europa. Ao grito de liberdade, partido das barricadas, a Belgica, os Estados Romanos e a Polonia se levantaram successivamente. A Belgica foi a primeira a desembarinar a espada, e triumphou depois de uma luta sanguinolenta. No momento em que a Romania entrou na liça contra os seus oppressores, Luiz Napoleão estava em Roma. Com a generosa temeridade, propria da juventude, lançou-se francamente na insurreição. Esta causa da Italia, combatendo pela sua independencia, era tão bella, principalmente para um Bonaparte!

Estava a ponto de levar a fortaleza de Civita-Castellana, quando recebeu a ordem de suspender o ataque. Dirigiu-se então sobre Bolonha, que os austriacos ameaçavam, e depois de ter disposto tudo para a defeza d'esta praça, tornou a entrar em campanha. Muitos combates de postos avançados lhe forneceram occasião de desenvolver a sua coragem. Distinguiu-se particularmente em Forli, onde, seguido de alguns cavalleiros, que o seu exemplo e as suas palavras inflammavam, executou contra o inimigo muitas cargas audaciosas. Esta acção foi o ultimo protesto da liberdade italiana contra o despotismo austriaco. Abandonada traiçoeiramente pela realza de julho, que lhe tinha posto as armas na mão, a Italia devia succumbir. A morte parecia não ter querido Luiz Napoleão, não obstante o quanto elle a procurava: Spielberg, ou as prisões de Veneza o esperavam, se por uma prompta fugida não lograsse subtrair-se á vingança da cõrte de Vienna. Uma desgraça mais temível pairava ainda sobre a sua cabeça: seu irmão Napoleão Luiz, que com tanta valentia combatêra a seu lado, morreu quasi de repente nos seus braços.

Esgotado pela dôr d'esta perda, pela fadiga, e sempre perseguido pela policia, caiu então perigosamente doente em Ancona. Perderia de certo a liberdade e a vida, se sua mãe, que no meio das suas lagrimas o vigiava de longe, não tivesse corrido para o salvar. Em quanto que, por diligencias suas, se espalhava a noticia de que elle tinha procurado um refugio na Grecia, fazia-o atravessar a Italia disfarçado, e o conduzia a Paris. Chegado apenas a esta terra, que devia ser a sua salvação, escreveu a Luiz Philippe para reclamar o direito de cidadão, e a hospitalidade da patria. Esta hospitalidade foi barbara-

mente negada ao proscripto e ao doente; dirigiu-se então a Londres, e de lá voltou á Suissa. Ainda se não tinham desvanecido de todo as suas emoções e soffrimentos, quando recebeu no seu retiro d'Arenenberg um officio do governo nacional da Polonia, de que a heroica luta contra a Russia não estava ainda terminada. Eis-aqui uma passagem d'este officio: « A quem melhor poderia ser confiada a direcção da nossa empreza do que ao sobrinho do maior capitão de todos os seculos. Um joven Bonaparte apparecendo em as nossas regiões, hasteando a bandeira tricolor, produziria um effeito moral, cujas consequencias seriam incalculaveis. Vinde, pois, esperanças da nossa patria, trazer aos povos que hão de reconhecer o vosso nome, a fortuna de Cesar, e o que vale ainda mais — a liberdade! — Tereis assim o reconhecimento de vossos irmãos d'armas, e a admiração do universo. »

Já era muito tarde. — Antes que este joven Bonaparte, que assim chamava em seu socorro, podesse chegar, a valente e infeliz Polonia, fulminada pelo colosso moscovita, tinha caído com as armas na mão, exclamando: « O céu está muito alto, e a França muito longe! »

A ordem reinava em Varsovia.

Foi por este tempo que morreu o duque de Reichstadt. Herdeiro então do imperador, Luiz Napoleão volta desde este momento todas as suas vistas para a França. Objecto d'aqui por diante das inquietações da Europa, redobra de circumspecção e de reserva, afim de melhor occultar os sonhos brilhantes que nutria no fundo da sua alma, e se applica com ardor ao estudo de todas as grandes questões politicas que agitam o mundo.

Um throno lhe é offerecido em Portugal, recusa-o desdenhosamente (2). Quer, e vale mais do que isto!

Dominado por alguns deputados sem mandato, soffrido, mas não accete pela nação, o governo que pesa sobre a França cedo ou tarde deve cair diante da opinião publica ultrajada. É a sua convicção. A insurreição de junho, a outra mais terrível d'abril em Lyão e Paris, o levantamento da Vendéa, os attentados de Fieschi e Alibaud, são, quanto a elle, os signaes precursores da revolução, que, em um periodo mais ou menos remoto, ha de dar

(2) Não podêmos saber em que se funda esta passagem do auctor, e muito menos quem andava a offerecer-lhe aquillo de que não podia dispôr. Em todo o caso, quer acceitasse, quer não, julgâmos que o resultado seria o mesmo.

ao paiz a posse dos seus direitos, tão indignamente desconhecidos, depois de terem sido tão altamente proclamados. Sonda os espiritos, acha-os cheios de perturbação; conhece quanto estão frustradas as esperanças do povo, e não ignora o descontentamento do exercito. Entra em relações com um grande numero de officiaes generaes do imperio, com os homens d'Estado mais eminentes, e os publicistas mais acreditados; esforça-se, pelas suas correspondencias, e pelos seus escriptos em fazer renascer no coração de seus compatriotas a fé napoleonica. Lafayette, com quem tem longas conferencias em 1833, o induz a collocar-se á frente das idéas democraticas da França, promettendo-lhe com esta condição o apoio do seu nome, e da sua poderosa influencia.

Armand Carrel inclina-se para as suas idéas, e exprime-se assim a seu respeito: «As obras politicas e militares de Luiz Napoleão annunciam uma cabeça forte, e um caracter nobre. O nome que tem é o maior dos tempos modernos. É o unico que pôde excitar fortemente as sympathias do povo francez. Se este mancebo souber comprehender os novos interesses da França; se souber esquecer os direitos de legitimidade imperial, para se não recordar mais do que da soberania do povo, pôde ser chamado um dia a desempenhar um grande papel.»

Porque não procuraria elle apressar o apparecimento d'esta revolução que julga inevitavel? Será um crime tentar destruir um poder, que não se fundamenta, nem no direito de successão, nem no voto popular, e que se tornou pesado ao paiz, a que se impôz por surpresa? Sem fallar dos seus direitos como herdeiro do imperador, a gloria e a popularidade do seu nome não o designam como por fatalidade para esta generosa empreza? Todos estes pensamentos luctam no seu cerebro que exaltam, e que bem depressa não os poderá conter. É necessario que o raio saia da nuvem. Vae fazê-lo partir.

Depois de ter no mais profundo segredo preparado os seus meios de execução, o herdeiro do grande homem, confiando na sua estrellia, appareceu de repente em Strasbourgo a 30 de outubro de 1836. O bravo coronel Vaudrey, commandante do 4.º regimento de artilheria, que tinha adherido á sua causa, pôz logo á sua disposição a sua espada e as suas peças. Por alguns momentos foi o senhor d'esta importante praça de guerra. Porque fatalidade este dia tão felizmente começado, se decidiu contra elle? Hoje todos o sabem. Vencido e prêso, assumiu toda a responsabilidade

de d'esta atrevida tentativa. «Estou prisioneiro, exclamou elle, tanto melhor, não morrerei no desterro.» Mas trazido a Paris em segredo, o gabinete das Tulherias, no meio do seu susto e surpresa, não se atreveu a dar-lhe juizes. Encerrado por um momento no forte Luiz, uma fragata veiu buscá-lo para o conduzir aos Estados-Unidos. Foi de balde que se procurou arrancar-lhe a promessa de que nada mais tentaria contra a dynastia de julho. Elle não quiz comprometter o futuro. Os seus chamados cúmplices, levados perante o jury em Colmar, foram absolvidos por unanimidade de votos.

A França applaudiu esta sentença. Podiam ferir os braços, quando tinham tido medo de tocar na cabeça? Ainda Luiz Philippe não tinha tornado a si do seu sobresalto, quando Luiz Napoleão tornou a apparecer na Suissa. Como filho piedoso, vinha recolher o ultimo suspiro de sua adorada mãe. A esta noticia o susto do velho rei chegou a tal ponto, que encarregou o duque de Montebello, então embaixador junto da dieta helvetica, de obter a todo o preço a sua expulsão do territorio da republica. Luiz Napoleão protestou energicamente contra esta exigencia, que o governo federal repelliu com indignação, penetrado como estava d'estima pelo joven principe. A formação de um corpo de 20,000 homens sobre a fronteira da confederação foi immediatamente decidida; a Suissa armou-se tambem da sua parte para repellir a invasão de que estava ameaçada. M. F. de Persigny se achava em Lucerna no mesmo dia em que a dieta se pronunciou pela resistencia; foi elle que por sua ordem pediu os passaportes do principe. Commovido pelas desgraças que podia atrahir sobre esta digna e forte nação, resolveu-se a deixá-la. O governo francez tinha commettido uma falta capital, fazendo de Luiz Napoleão um pretendente tão consideravel, que chegasse a ponto de justificar uma guerra. Quanto ao principe, afastando-se, mostrou tanta habilidade como bom juizo.

Retirando-se para Inglaterra, applicou-se novamente ao estudo; foi lá que escreveu o seu livro intitulado = *Idéas napoleonicas*. = Exposição clara, resumo eloquente de suas doutrinas politicas, esta obra é uma apologia bem traçada da monarchia de Napoleão, representada como emanando directamente da soberania do povo, e como a regularização dos factos, dos interesses, e das idéas consagradas pela revolução de 1789. Vivia então em Londres cercado das prevenções da aristocracia e das sympathias populares, quando o conflicto, que sobreveiu entre Mehemet-Ali

e a Porta Ottomana, deu origem á insolente colligação, em virtude da qual a França foi posta fóra da communhão europea. Ninguem sentiu mais vivamente do que elle este ultraje tão covardemente soffrido pelo governo francez, sempre aferrado a sua vergonhosa divisa, = *a paz por todo o preço, em toda a parte e sempre.* = A brilhante recepção feita n'esta epocha pela França ás cinzas do seu imperador, veio derramar a alegria no fundo do seu coração, e póde dizer-se, que ninguem a apreciou mais do que elle. Foi debaixo d'esta dupla impressão do ultraje soffrido pela patria, e do triumpho tributado ás cinzas de seu tio, que elle desembarcou em Bolonha á frente de alguns amigos corajosos e dedicados, que sentiam tanto como elle no fundo de seus corações, a affronta feita ao seu paiz.

São bem conhecidas as circumstancias, e o resultado d'esta expedição tão digna, pelo fim a que se propunha, de toda a sympathia nacional. Com effeito, o que pretendia Luiz Napoleão? Tentar por ambição pessoal, e contra a vontade do paiz uma restauração imperial? Não; mas só sim servir de ponto de apoio e centro de reunião a tudo quanto havia de generoso e nacional em todos os partidos, e restituir á França a sua dignidade sem a guerra, a sua liberdade sem a licença, a sua estabilidade sem o despotismo.

Accusado perante a camara dos pares, constituida em tribunal de justiça, a sua tranquillidade, os seus modos dignos, a sua abnegação, não poderam achar favor da parte dos seus juizes, que, se tivesse sido feliz na sua empreza libertadora, seriam os primeiros, pela maior parte, a acclamar a sua victoria. Foi condemnado a prisão perpetua n'uma fortaleza do Estado.

Mais feliz, soffrendo n'uma prisão franceza, do que se vivesse livre, mas longe da sua patria, passou quasi seis annos no castello de Ham, em companhia do general Montholon e do doutor Couneau. Durante este longo intervallo queixa alguma saiu da sua boca, acto algum de fraqueza escapou ao seu coração. Com o nome que tem, era-lhe necessaria — *a sombra de um carcere ou o brilhantissimo do poder.*

Na sua prisão a esperança nunca o abandonou. Pelo contrario, mais do que em outra alguma epocha teve confiança na sua estrella, e no prestigio do seu nome. Sabe bem que a França o vê e o lamenta. A cultura das flôres e o estudo o distraem do seu enfado. Escreve um fragmento sobre a historia de Inglaterra, e os seus estudos sobre o passado e o futuro da artilheria.

Em 1846 sabe que seu pae, nos paroxismos da morte, nutre apenas um unico desejo, apertal-o nos seus braços antes de deixar a vida. Pede auctorização de ir receber a sua ultima benção, promettendo voltar para a sua prisão. Este pedido é-lhe recusado, — era de mais. A 26 de maio disfarça-se em artista, foge da prisão e volta a Londres, onde continúa a seguir os seus estudos predilectos. Dois annos depois, a revolução de fevereiro, esta revolução do *desprêzo*, que elle tinha previsto, arrebentou. Corre então a Paris, esperando que poderá finalmente servir a França. O governo provisório assusta-se; torna então a tomar voluntariamente o caminho do exilio. Mas o povo protesta contra esta proscripção, por duzentos mil votos lançados por duas vezes na urna eleitoral; volta a Paris. A sensação, que produz a sua presença na assemblea, é viva profunda e geral; todas as vistas se dirigem para elle; antes de seis mezes ha de estar á frente do governo, assim o promettêra aos seus amigos, e está seguro de o conseguir.

Não tendo podido desviál-o, os republicanos da vespera intrigam, agitam-se para o perderem na opinião publica. Fica surdo a todas as suas calumnias, a todas as suas provocações, e prosegue tranquillamente o seu fim. Relaciona-se com os homens mais consideráveis de todos os partidos, e apresenta em fim a sua candidatura á presidencia da republica, em um manifesto tão notavel pela clareza do estylo, como pela elevação das idéas e dos sentimentos.

A 10 de dezembro a França respondeu-lhe por seis milhões de votos; ella comprehendeu que o futuro da republica era *Luiz Napoleão Bonaparte.*

Proclamado officialmente a 20 de dezembro, Luiz Napoleão foi no mesmo dia installado pelo presidente da assemblea no palacio do Elyseu, que tinha sido escolhido para sua residencia, e onde nada se havia preparado para o receber. Não obstante a aureola, que em sua frente tinha deixado a eleição popular, ou antes talvez por esta causa, a sua posição era cheia de difficuldades, de perigos, e de ciladas.

Depois de um juramento lealmente prestado, indicou logo ao paiz, pela composição do seu ministerio, a linha politica de abnegação pessoal, e de conciliação, que pretendia seguir. Este ministerio, no qual se achavam representadas as diversas fracções do partido moderado, era mui proprio para tranquillizar a França. Com effeito, violentada pelos republicanos da vespera em suas crenças, e era

seus costumes, ferida por elles em os seus interesses os mais vitaes, e entregue ás consequências da sua incapacidade, e aos impulsos da sua ambição, a França, cansada das suas inquietações e soffrimentos, aspirava a repousar debaixo da egide protectora de um poder forte e obedecido. Mas em vez de se retirar, depois de concluida a sua tarefa, para dar lugar a uma nova assemblea, que fosse a expressão dos votos que a nação acabava de manifestar com tanta unanimidade, a assemblea, sustentada nos seus principios hostis pela demagogia das ruas, dos clubs, e da imprensa, por uma usurpação audaciosa, prorogar o seu mandato, e pôr-se systematicamente em opposição com o poder executivo, afim de que, se o não podesse absorver ou perdê-lo, impellindo-o a tomar algumas medidas violentas, ao menos o despopularizasse, impossibilitando-o de fazer bem ao paiz. Felizmente a Providencia tinha tocado na urna do escrutinio em dezembro, e sem consentir um instante que ella o tractasse, como se a famosa constituição de Syeies estivesse em vigor, Luiz Napoleão teve o juizo, não obstante as odiosas calumnias de que era victima diariamente, de não atacar de frente a soberania da assemblea, porque estava bem seguro de a vencer, sem combate, na proxima campanha eleitoral.

Offereceu-se, comtudo, uma occasião, em que, por um sentimento de dignidade nacional, que o honrou perante a França e a Europa, julgou dever, sob sua responsabilidade, substituir, em uma circumstancia decisiva, a sua vontade á da assemblea.

O exercito francez depois de se ter apoderado de Civita-Vecchia, havia-se apresentado, sob a fé de promessas enganadoras, ás portas da cidade de Roma; mas tinha sido recebido a tiros de fuzil.

Posto que a honra militar franceza estivesse compromettida, um voto da assemblea ordenou á tropa que retrogradasse; indignado, Napoleão mandou ordem ao general Oudinot que entrasse em Roma á viva força. A esta noticia uma parte da assemblea, e da imprensa socialista, gritaram = *traição* = e proclamaram que a constituição tinha sido violada; alguns representantes levaram o delirio até proporem que se accusasse o ministerio. Todos estes furores não o intimidaram; e fosse receio ou pudor, a maioria consultada teve o bom juizo, reconsiderando, de parar no plano inclinado em que se tinha collocado pelo seu voto de 7 de maio.

Como Luiz Napoleão o havia previsto, as eleições geraes de 13 de maio reduziram seus

inimigos irreconciliaveis ao estado de minoria em a representação nacional, mas esta minoria ainda era temivel. Mandando-a á assemblea, a França tinha querido protestar contra toda a tendencia a voltar a um passado que repellia. Era a sua resposta aos chefes dos antigos partidos politicos, que avultavam já sob a bandeira do grande partido da ordem, e a cuja influencia tinha sido imprudentemente abandonada a direcção das eleições. Julgando ter-se apoderado do espirito do exercito, e representar o das classes artisticas, a nova *montanha* chegava á assemblea com a tenção feita de impellir a França a uma nova revolução.

Com desejos de apressar o movimento, a expedição a Roma, continuamente apresentada á opinião publica como um desastre e uma vergonha para o paiz, lhes pareceu ser a alavanca mais propria para levantar as pedras das ruas, formar as barricadas, e guarnecê-las de povo. O orador da montanha, mr. Ledru-Rollin, foi o encarregado de lançar o fogo ao rastilho. A mina rebentou a 13 de junho. É inútil recordar que elle foi a primeira victima da sua explosão, e que Luiz Napoleão tomou com tanta habilidade, como energia, todas as medidas que n'estas criticas circumstancias exigia o perigo do seu paiz.

Depois de ter conferido ao general Changarnier o duplo commando da guarda nacional e do exercito, declarado Paris em estado de sitio, e a dissolução da artilheria da guarda nacional, montou a cavallo, e percorreu toda a linha dos *boulevardes*, e as ruas mais principaes da capital, no momento em que as barricadas começavam a elevar-se, afim de mostrar ao povo de Paris, que vigiava pela segurança geral, e que estava prompto a fazer-lhe o sacrificio da sua vida.

Por esta vez os republicanos da vespera estavam decididamente vencidos; mas, desembaraçado dos seus inimigos, Luiz Napoleão tornou-se bem depressa suspeito a seus alliados. Estes não se tinham até então reunido a elle senão com o pensamento reservado de chegar gradualmente a uma restauração monarchica. O eleito de 10 de dezembro, como diz mr. de la Gueronnière em o retrato mais pittoresco do que parecido, que traçou do principe, era considerado por elles como a sentinella que tivesse por instrucções guardar o throno até que o monarcha viesse occupá-lo. Desde o dia immediato á sua entrada no poder, que lhe tinham armado um laço, em que um ambicioso vulgar se teria facilmente deixado cair. Este laço, é verdade, tinha-o sabido evitar, mas ainda se lembrava d'elle.

O general Changarnier era, segundo o seu pensar, o Monk designado d'esta restauração, para a qual começavam a caminhar abertamente. Mas o papel de Ricardo Cromwell não podia convir ao sobrinho do imperador. Um rompimento entre Luiz Napoleão, e a maioria da assemblea, cedo ou tarde era inevitavel.

Foi a expedição de Roma, causa já de tantas perturbações, quem a excitou. Esta expedição tinha conseguido o seu fim. Pio IX tinha sido restabelecido na plenitude do seu poder pela influencia das armas francezas. A França tinha-se recordado que é a filha mais velha da Igreja, e fez o que devia fazer; mas o clero romano esqueceu bem depressa as condições impostas por ella á restauração pontificia, e commettia diariamente, á sombra da bandeira tricolor, e sob a protecção das suas baionetas, actos de intolerancia religiosa, e de vingança politica, que desvirtuavam completamente o character da intervenção. Luiz Napoleão soube-o, sensibilizou-o este comportamento, e não poude por fim deixar de se queixar com altivez e severidade.

A carta, que por esta occasião (18 d'agosto de 1849) escreveu ao coronel Edgard Ney, foi um raio para a maioria. Profundamente ferida por esta plena desapprovação da sua politica; humilhada e illudida em todas as suas esperanças de dominio pela mensagem de 31 de outubro, que, para nos servirmos de uma expressão, tirada ainda de mr. de la Gueronnière, foi a sortida energica effectuada por um

general cercado por inimigos occultos e emboscados; a assemblea pareceu recuar um pouco, e recolher-se por um momento no mysterio dos conciliabulos, para concertar o seu plano d'ataque contra o *ingrato*, que não tinha querido deixar-se illudir por ella.

A primeira machina de guerra, que a assemblea assentou contra o presidente da republica, foi a lei de 31 de maio, machina terrivel, porque supprimia ametade dos eleitores, que tinham escripto o seu nome nas listas, ao mesmo tempo que prohibia a revisão, e por consequencia a reeleição. Se Luiz Napoleão não denunciou logo ao paiz o laço occulto com tanta perfidia, debaixo d'esta odiosa restricção da soberania popular, se fez melhor ainda, que foi fingir que tinha caído n'elle por o não poder evitar, é preciso confessar que deu um golpe de mestre. Effectivamente duas cousas lhe eram necessarias para vencer: tempo, — ganhou-o, deixando crêr á maioria, que depois de ter sido enganado por ella era seu prisioneiro; — uma arma, — quando vier a occasião não terá mais do que empregar para os ferir, aquella com que seus inimigos, que eram os da republica, se lisonjeavam de o ter posto fóra de combate. Mas não anticipemos.

Os limites, que nos temos imposto, não nos permitem entrar nas particularidades d'esta lucta, que cada vez mais viva se ia empenhando de dia para dia entre os dois poderes; limitar-nos-hemos a lembrar, ao correr da pena, os seus mais importantes episodios.

(Continúa.)

VIAJENS.

A PASSAGEM DO NORTE.

(Continuado de pag. 142 do 5.º n.º)

DEIXAMOS o capitão Mac-Clure com o *Investigador* firmemente ancorado no gèlo, e elle decidido a passar ahi o inverno. Os seus homens estão de boa saude e de melhor espirito; as suas provisões

em optimo estado. Um dos destacamentos da equipagem foi á caça e trouxe os despojos de muitos bois almiscarados, que produziram quasi 1:296 arrateis de excellente carne, o que é um precioso reforço para o navio.

Estamos no mez de outubro de 1850; de repente vamos passar sem transição para o mez d'abril de 1851. O jornal do commandante salta por cima d'estes seis mezes como se nunca tivessem existido. Não nos cançamos de admirar o sangue frio e a coragem com que estes homens encaram os mezes ou annos de prisão e de immobildade; dir-se-hia que adormecem afim de tomar forças, e de continuar na excursão. No fim do inverno vêmolos sair do seu leito de gelo e de neve, e fazerem os preparativos para a campanha da primavera. Começam por collocar em uma das ilhotas do canal uma grande chalupa baleeira com provisões para tres mezes, afim de que a equipagem tenha um ultimo recurso no caso em que o navio seja despedaçado pelo combate dos gélos. Transportam depois uma outra chalupa e uma canôa de caout-chouc para a praia da terra firme, afim de que os destacamentos mandados á caça tenham meios de tornarem a embarcar no caso em que, derretendo-se alguma porção de gelo, fiquem separados do navio. Terminados estes preparativos, o commandante manda partir no meado d'abril tres expedições debaixo das ordens dos tenentes Hasswell, Cresswell, e de mr. Wynniatt, o immediato.

Sendo uma novidade a maneira de-viajar nos mares arcticos, algumas particularidades a este respeito não serão sem interesse. Deixaremos fallar aqui o tenente Cresswell, que commandava uma das expedições.

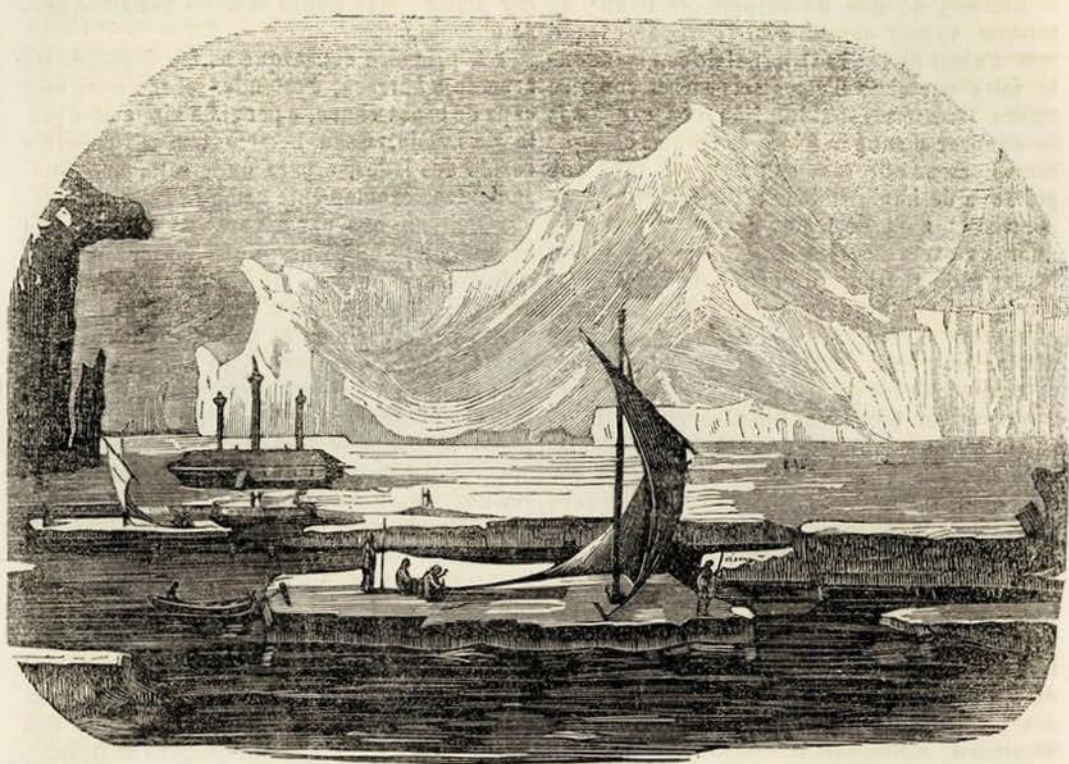
« Sabereis, dizia elle outro dia em um *meeting*, que para uma viagem d'este genero não se pôde contar absolutamente senão comsigo mesmo. O paiz nada vos fornecerá, nem madeira, nem carvão, nem cousa alguma; deveis levar comvosco tudo o que vos fôr necessario. As nossas disposições ordinariamente são as seguintes: temos um trenó dirigido por oito ou dez homens, carregamol-o de mantimentos, de barracas e de toda a nossa bagagem, juntamente com espirito de vinho e alguns utensilios de cozinha. Podem em geral levar-se mantimentos para 40 dias na razão, pouco mais ou menos, de 200 arrateis por homem. Deixando o navio marchamos durante dez ou doze horas, depois acampamos para passar a noite, ou antes para passar o dia, porque vale mais andar de noite que de dia por causa do reflexo do sol sobre a neve. Andamos em geral dez horas cada noite; depois accendemos o espirito de vinho, pomos ao lume a panella para derreter a neve e obter agua, e acabando de comer a ceia, composta ordinariamente de uma peça de caça e um copo d'agua, damos graças a Deus de nos po-

der deitar; mas nunca sem ter fumado o nosso charuto.

« A primeira cousa que se faz depois de ter armado a barraca, é estender sobre a neve uma capa de caout-chouc, e por cima ainda uma pelle de bufalo. Cada homem tem um cobertor cozido dos lados, e para onde salta mettendo-se dentro, exactamente como se fosse um sacco. Deitamo-nos par a par, mas em sentido inverso, isto é, os pés d'uns virados para as cabeças dos outros, absolutamente como os arenques dentro de um barril. Feito isto cobrimo-nos todos com as pelles, e quanto mais unidos estamos melhor, para conseguir o calor; é assim que passavamos a noite. Este expediente lembra-nos o que tinham adoptado os soldados inglezes na sua celebre e mortifera retirada do Affghanistam em 1841, em que se achavam luctando tambem com a neve. Começavam por varrer um certo espaço de terreno, deitavam-se em um circulo muito apertado, uns contra os outros com os pés juntos no centro, cobrindo-se com quanto fato e cobertores podiam alcançar, e d'esta maneira chegavam a conservar o calor. »

O tenente Cresswell fez d'esta maneira uma excursão de um mez ao longo da terra, a que se acabava de dar o nome de terra de Baring, e poudo verificar, chegando até á extremidade, isto é, até á bahia de Melville, que não era com effeito mais do que a continuação da terra de Banks. Foi obrigado a voltar para traz, porque dois dos seus homens estavam quasi gelados. Tinham morto um urso, a que fizeram autopsia, e acharam-lhe no estomago uma mistura de alimentos heteroclitos, que os fez scismar muito: era um verdadeiro pastelão composto d'uvas, tabaco, carne de porco, e panno encerado. Julgaram ao principio, que um dos outros navios da expedição estava tambem n'estas paragens; fizeram indagações, e alguns dias depois tiveram explicação do lauto banquete que o urso tinha comido, porque acharam uma caixa de carnes preparadas, eguaes ás que tinham descoberto no estomago do animal. O tenente voltou a bordo a 24 de maio; citamos a data porque era o dia dos annos da rainha, dia que os inglezes não esquecem em parte alguma. Perdidos n'esta solidão infinita, os fiéis subditos da coroa d'Inglaterra, desenrolaram a sua bandeira, e salvas d'artilheria acordaram de certo, pela primeira vez, os echos pacificos das terras polares.

Mr. Wynniatt voltou tambem com todos os seus homens em bom estado, depois de ter passado 50 dias debaixo da sua tenda. Tinha chegado até á terra, que acabavam de deno-



◉ navio enterrado no géllo.

minar do *Principe Alberto*, e que é a continuação da terra de Wollaston. É elle quem tinha ido mais adiante do lado do estreito de Barrow. Estava no ponto extremo da sua derrota a 24 de maio de 1851, e por uma curiosa coincidência, na vespera mesmo a 23 de maio, um outro official, o tenente Osborne, que fazia parte da expedição enviada do lado opposto, pelo estreito de Davis, procedia tambem a um reconhecimento em a terra de Wollaston, e achava-se, sem o saber, sómente a 20 milhas de distancia dos maritimos do *Investigador*. Algumas horas de mais ou de menos ter-se-hiam encontrado.

O tenente Hasswell, da sua parte, tinha tambem ido explorar a terra de Wollaston, porque o commandante queria verificar se, como o suspeitava, ella fazia parte do continente americano, de que era a extremidade, e não uma ilha, como parecia á primeira vista. Gastou 42 dias na digressão, e á volta contou que tinha encontrado uma tribu d'esquimós; mas que não tinha podido fazer-se entender d'elles. Então partiu o proprio capitão com mr. Miestsching, o seu impagavel interprete (como lhe chama sempre) para obter informações.

Encontraram os esquimós, que responderam sem difficuldade a todas as suas perguntas. O capitão tinha trazido uma grande folha de papel, na qual estava traçada uma linha que ia dar, da figura do navio ás tendas, o que comprehenderam perfeitamente. Continuaram elles mesmo o traçado, marcando muitos pontos da costa; fallaram de uma grande terra defronte do Wollaston, e que diz o capitão é evidentemente a America. Mas estes esquimós não a conhecem senão por intermedio de outras tribus do sueste com quem fazem commercio, elles nunca lá foram; não possuem artigo algum de manufactura europea, o uso do ferro lhes é completamente desconhecido, e apenas se servem com o cobre indigena. É uma tribu de costumes pacificos, simples e pastoris; quando lhes mostraram os presentes não mostraram ayidez alguma, e perguntaram até o que haviam de dar em troca. A sua linguagem é a que se falla na costa do Labrador. O capitão conta este episodio na carta que escreve a sua irmã, e que já temos citado; indigna-se por a companhia de Hudson abandonar assim estas povoações interessantes.

« É vergonhoso, diz elle, que a companhia nada saiba d'estas tribus, e que a sua carta

de privilegio fique assim uma carta morta, porque o seu monopolio não tem outro titulo para se justificar, senão os esforços para a conversão dos pagãos. Mas uma vez que tenham pelles para o commercio, parece que o resto pouco importa. Missionarios intelligentes da Groenlandia, do Labrador, ou de seus proprios compatriotas trariam promptamente estes homens simples ao conhecimento do Evangelho, para o qual estão preparados com toda a certeza. Tenho esperanza de que a nossa excursão terá por effeito obrigar a companhia de Hudson a tomar medidas para reduzir á fé estes pobres homens.»

D'esta sua excursão o commandante McClure trouxe a convicção, que a terra do *Principe Alberto* faz parte do continente americano, que as numerosas e profundas enseadas, que recortam as praias, fazem acreditar na existencia de canaes e de estreitos, que na realidade não existem. O que o confirmou tambem n'esta opinião, é que os esquimós d'esta costa fallavam a linguagem dos do estreito de Hudson, em quanto que os do cabo Bathurst, que havia encontrado ao principio, fallavam uma linguagem já muito adulterada.

A primavera gastou-se n'estas importantes excursões. Entretanto a estação adiantava-se, e o gèlo começava a não ser já tão seguro. O tenente Cresswell, voltando da sua ultima digressão, tinha achado aberturas de 15 a 20 pés, que lhe cortariam a retirada, se não tivesse levado pequenas canoas de *caout chouc*, estas admiraveis canoasinhas, que não pesam mais de 25 arrateis, e que tantos serviços prestam. Á maneira das aves, entrando em o seu ninho, os viajantes dispersos voltavam á sua arca tutelar, recolhiam e traziam para bordo as chalupas e mantimentos que tinham posto na praia; calafetava-se e concertava-se o navio; e assim preparados, tanto para a boa como para a má fortuna, os nossos navegantes esperaram o derretimento do gèlo sem saber onde elle os levaria, ou mesmo até se os tragaría por uma vez. Agora estão tão bem dispostos, tão cheios de coragem e de esperanza, e tão bons de saude, como quando deixaram a mãe-patria, e o seu bravo commandante termina assim esta parte do seu jornal.

« Esperámos n'este momento, com uma certa anciedade, a quebra d'estas formidaveis massas de gèlo, que nos circumdam, e as consequencias do degèlo, em que não podêmos pensar sem um profundo receio.»

E certamente, por mais resolutos que elles fossem, este receio lhe era permittido. Os perigos, que têm corrido até agora, nada eram á vista d'aquelles que os esperavam. No prin-

cipio de julho o gèlo começa a derreter-se; depois n'um bello dia abre-se repentina e silenciosamente em volta do navio, e deixa-o a nadar em um estreito espaço; mas como elle não pôde ultrapassar as muralhas que o rodeiam, amarram-o e fixam-o a este pedaço de gèlo, que durante dois mezes foi o seu salvador, e cuja fortuna ou destino vae ainda seguir. Ambos fluctuam assim durante muitos dias; depois, começando o gèlo a amollecere, o navio sae do seu leito, e, como o passaro que solto abre as azas e vóa, elle abre e desenrola as suas vélas tantos mezes enroladas.

Uma aragem o impelle para o nordeste, e o capitão tem esperanza de navegar para o estreito de Barrow, e completar a sua passagem. Mas infelizmente o vento cessa. O navio fica outra vez prèso a um pedaço de gèlo, mas em breve vê avançar contra si, como soldados em batalha, grandes massas de neve. Estas formidaveis catapultas vêm lançar-se com uma violencia irresistivel sobre o pedaço que sustenta o navio, e o fazem em pedaços, de que o maior terá apenas 15 pés. O choque retumba como o ruido de um trovão longiquo, e o navio estremece como se estivera debaixo da acção de fogos subterraneos. Por milagre resiste ainda, protegido pela sua armadura ou envoltorio. Caminha de vagar, e com muito trabalho, já por meio das vélas, já á força de braços; isto dura assim um mez. Em meados d'agosto já estava apenas a 25 milhas da embocadura do canal, tocava quasi a meta dos seus trabalhos; mas a corrente fatal, que arroja os gèlos, vem sobre elle, e o faz retrogradar. Para sair do pedaço de gèlo em que o navio está como enterrado, o capitão decide-se a destruil-o por meio de uma mina. No centro d'esta massa, que tem 11 pés de espessura e 400 metros de circumferencia, manda metter 36 arrateis de polvora. O gèlo abre então, e salta de todos os lados; o navio fica livre, e ganha a costa ao longo da qual a agua está livre; a equipagem leva-o á sirga por algum tempo para vencer a corrente. Baldados esforços! Uma manhã a nevoa se dissipa, e do alto dos mastros não se vê mais do que uma vasta e invencivel barreira; a passagem está fechada em toda a sua largura; pôde dizer-se que existe um muro por toda a parte.

Acabou-se, é preciso renunciar a esta longa esperanza, é preciso dizer adeus a este sonho quasi realizado. Que sacrificio tão cruel não devia ser para elles o abandonar esta conquista, que tão charo lhes tinha custado, e exactamente no momento em que se ia completar! Mas não desanimam, e o caminho que

lhes está fechado d'este lado, elles o vão procurar em uma outra direcção. É uma viagem absolutamente nova que vae começar.

Notemos de passagem que o capitão Mac-Clure se achou demorado na sua marcha, porque os ventos vinham do nordeste, isto é, do ponto mesmo para onde elles se dirigiam; não ha duvida alguma, que se tivessem vindo pela outra extremidade do canal, a passagem se effectuaria facilmente.

É pelo fim do mez d'agosto que começa a nova campanha. Já vimos que a terra chamada de Baring tinha sido reconhecida por ser a extremidade meridional da terra de Banks, separada ella mesma da terra de Melville por um braço de mar; por consequencia, voltando atraz, e dando volta á ilha para chegar á extremidade de Banks, o capitão Mac-Clure conta achar o braço de mar ou canal que communica com o estreito de Barrow, e é por alli que tentará a passagem.

Acha ao principio o caminho facil; o canal, em que tinha permanecido encerrado durante onze mezes, está agora completamente livre, e a temperatura tornou-se agradável. A terra de Baring parece ser a mais fertil, e a mais habitavel d'estes paizes: abunda em caça de toda a especie, patos bravos, gallinholas, gamos, bois almiscarados. Bem depressa a scena muda, o navio chega ao mar do pólo, onde encontra montanhas fluctuantes que o ameaçam a cada momento de o despedaçar como se fosse um pouco de vidro. É lendo a narração d'estes terriveis choques, que é difficil conservar esperanza alguma quanto á sorte de Franklin e de seus companheiros, porque basta que elles tenham sido levados para entre as montanhas de gelo em pleno mar, para que estejam irremediavelmente perdidos. O capitão Mac-Clure procura navegar ao longo da costa, e não se afastar mais de uma milha; mas com o risco de ser apanhado entre os gélos e a costa, e esmagado como uma casca de nóz. Uma occasião para não ser levado para o largo, amarra o navio a um pedaço de gelo que estava fixo á costa, e demora-se alli 10 dias; mas eis que um enorme pedaço, impellido pela corrente, vem levantar o leito em que descançava o navio, e o eleva perpendicularmente a 30 pés. É como um cavallo que se levanta, e que vae cair sobre o cavalleiro. Depois de um minuto de ansiedade, o gelo se derrete, mas a embarcação é levada juntamente com os fragmentos; caminha, caminha, indo bater contra as porções de gelo que mette no fundo, mas recebendo choques violentos na pópa e no leme. O capitão vê de longe que vae bater contra uma massa immovel,

e que será despedaçado se fica prêso entre esta massa, e a que o impelle. Manda um artilheiro para a prôa a vêr se consegue fazer saltar o bocado de gelo, mas a explosão parece não produzir effeito algum. N'este momento, diz o capitão, estavamos sómente a alguns pés de distancia, e tinhamos todos subido á tolda em uma ansiedade extrema para assistir á crise da nossa sorte. . . Um violento abalo, que fez vergar os mastros, e estremecer profundamente os lados do navio, indicou claramente que a lucta não seria longa, entretanto ainda se salvaram. A polvora tinha produzido o seu effeito no interior do gelo, e o choque do navio acabou de o partir em tres bocados. O bravo navio atravessou valentemente as ruinas que tinha feito, e não experimentou outras avarias, além de algumas folhas de cobre que ficaram arrancadas e enroladas como se fossem papel.

Depois d'esta custosa privação, o commandante resolveu-se a passar o inverno no ponto onde tinha chegado. Era o mez de setembro, e o thermometro tinha descido a 16 gráus. A equipagem torna a começar as suas caçadas, e descobre alguns *fosséis*, que o capitão considera ante-diluvianos. A este respeito diz elle na carta a sua irmã. « A quasi 500 pés acima do nivel do mar descobrimos uma ordem de collinas formadas por montes de madeira em todos os estados, desde a petrificação até ao estado ainda inflammavel, e um grande marisco do tamanho de uma ostra, em forma de concha, um perfeito *fossil*. Considere isto como uma nova prova, se ainda fossem necessarias, do diluvio universal, porque com toda a certeza esta concha e este madeiro não pertencem a estas regiões, a maior madeira n'estes sitios é do salgueiro anão, de que o ramo é da grossura do canudo de um cachimbo, e serve de alimento aos gamos. »

N'este tempo o commandante Mac-Clure é obrigado a interromper as suas investigações. O thermometro sobe, a chuva começa a cair; o gelo separa-se da praia, e leva consigo o navio para o largo, isto é, para este temivel mar do pólo, de que não ha exemplo de se haver voltado. Para se desembaraçar da sua prisão fluctuante, o capitão recorre á polvora; cargas successivas de 25 e 65 libras apenas se fazem sentir. Então manda introduzir na profundidade de 5 braças, no meio da massa de gelo, e á distancia de 30 metros do navio, um barril contendo 255 libras de polvora. A explosão desfaz o gelo em mil bocados, em átomos, póde dizer-se, e no entanto a vibração apenas se faz sentir a bordo. Tornado livre, o navio continúa a sua laboriosa navegação,

conservando-se sempre ao longo da costa, e a través de immensas vicissitudes chega pelo fim de setembro a estas paragens onde o gelo não tem um aspecto tão temivel. É que d'aqui em diante saiu do grande mar do pólo, e entra no canal que leva ao estreito de Barrow; acabou a volta da ilha de Baring. Comtudo, ainda lhe não será permitido completar a passagem, o gelo oppõe-lhe por ora uma barreira invencível. Do alto dos mastros não se descobre mais do que uma solidão immovel; é preciso parar.

Então o commandante, que tinha notado n'este ponto da costa uma pequena bahia, que parecia offerecer um asylo seguro, mandou entrar ahi o navio. « Esta tarde, diz elle, achámo-nos inteiramente gelados n'este pequeno porto, a que demos o nome de *Bahia da Misericordia*, em memoria de todos os perigos a que tínhamos escapado durante o tempo em que atravessámos este terrivel mar do pólo. »

Este dia era o 24 de setembro de 1851. Quasi dois annos depois, no mez d'abril de 1853, o navio estava ainda no mesmo logar; segundo toda a verosimilhança ainda lá está. Do ponto onde elle estava então, Mac-Clure podia distinguir ao longe, a quasi 60 milhas, a terra de Melville, que Parry tinha descoberto 30 annos antes, e este veterano dos mares do pólo, lembrava outro dia, que, por uma notavel coincidência, e debaixo da inspiração do mesmo sentimento, tinha dado ao ponto extremo em que tinha tocado, o nome de *Cabo da Providencia*, como Mac-Clure tinha chamado ao seu ultimo porto de refugio a *Bahia da Misericordia*. Ambos elles tinham completado com a vista a passagem tão procurada.

Aquí termina a campanha de mar do *Investigador* e de sua intrepida equipagem. Agora estão presos para muito tempo, para annos talvez. Devemos estar lembrados, que o capitão Mac-Clure tinha declarado no principio da sua viagem, que iria para a frente, tanto quanto lhe fosse possível, e que se fosse demorado pela neve iria a pé á terra de Melville.

Com effeito, depois de ter passado o inverno de 1851 a 1852 na *Bahia da Misericordia*, logo que a primavera lhe permittiu de se aventurar sobre o gelo, pôz-se a caminho em trens com sete de seus companheiros. A 28 de abril chegou á ilha de Melville, ao mesmo logar em que Parry tinha da outra vez armado a sua barraca. Achou ahi uma pedra com esta inscripção: = Os navios de S. M. britan-

nica, o *Hecla* e o *Griper*, commandantes Parry e Lyddon, hibernaram n'este porto durante o inverno de 1819—1820. A. Tisher, *sculpsit.* »

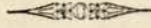
Achou mais uma inscripção deixada o anno precedente (1851), pelo tenente Mac-Clintock, que tinha vindo pelo estreito de Lancaster. Chegou tambem ao nosso capitão a sua vez, de deixar n'este logar assignalado pelos vestigios de tão heroicos camaradas, um signal da sua passagem; collocou ahi um cylindro contendo um succinto resumo do seu journal desde o principio da expedição. Accrescentava que a sua tenção era voltar a Inglaterra pela ilha de Melville e o porto Leopoldo, isto é, continuando a passagem: que lhe deixassem provisões em Melville, e que, se se não ouvisse fallar mais d'elle, é porque tinha sido arrojado ao largo em pleno mar do pólo, e que n'este caso era inutil mandar-lhe soccorro, porque nenhum navio, uma vez entrado n'este abysmo, podia sair. Terminava por estas palavras: « Este aviso foi aqui deixado em abril de 1852 por uma expedição composta do capitão Mac-Clure, etc. (seguem-se os seis outros nomes). Pede-se a quem quer que o ache, que o faça chegar ao secretario do almirantado. Datado do navio de S. M. britannica o *Investigador*, mettido entre os gélos da *Bahia da Misericordia*, a 12 d'abril de 1852. »

Este escripto é o que depois foi encontrado pela expedição que vinha pelo estreito de Barrow ao encontro do *Investigador*, e que o encontrou dois annos depois de se não ter ouvido fallar mais d'elle e de se julgar perdido. Entretanto o capitão Mac-Clure volta ao seu charo navio, e escreve a sua irmã n'esta interessante carta, que tantas vezes temos citado.

« Não perdemos um unico homem, nem por desastre, nem por doença: é uma graça sem exemplo, unica sem duvida em uma igual reunião de homens em qualquer parte que seja do mundo. Como tão grandes benções do céu podem ter caído em um ente tão humilde e tão indigno como o que escreve estas letras? Confia tu no Senhor de todo o teu coração, e não te fies só no teu entendimento. Em todas as tuas acções, dá testemunho do Senhor, que elle dirigirá os teus passos. »

Resta-nos agora dizer como se acharam os vestigios do capitão Mac-Clure e dos seus companheiros. (Continúa.)

NAUFRAGIO DO VAPOR PERNAMBUCANA.



HEROISMO de dedicação, que vamos contar, é já hoje sabido pela Europa inteira, e por uma grande parte da America; quem o praticou é que ainda não é sufficientemente conhecido, individualmente, como merece sê-lo todo aquelle, que, affrontando as leis da humanidade, se eleva muito acima da sua fragil condição, approximando-se, por assim dizer, á Providencia na parte mais nobre, que ella para si reservou — salvar as vidas, e valer aos desgraçados.—

Apresentando hoje o retrato do preto portuguez Simão Manuel Alves Juliano, recordaremos, pois, mais uma vez esse rasgo de dedicação que fez o seu nome tão conhecido no mundo; as acções nobres não tendem só a elevar o individuo que as pratica, honram tambem a humanidade, e nunca é demais o repetil-as; o exemplo é contagioso; á força de vêr praticar o bem, ainda as peiores condições tendem a executá-lo.

O barco a vapor, *Pernambucana*, saiu a 6 de outubro de 1853 do Rio Grande do Sul em direcção ao Rio de Janeiro; a 7 á tarde foi atacado de uma tempestade tão violenta, que poucas esperanças deu logo de chegarem ao porto que demandavam. A 8 pela manhã o navio já tinha perdido o leme; a 9, ás 11 horas do dia, toda a idéa de salvação se havia perdido; cem pessoas cheias de vida, de esperanças, e algumas de mocidade, viam imminente essa morte afflictiva do naufragado; essa passagem sem transição da vida em toda a sua força para uma morte rápida, tanto mais custosa por ser longe da patria e das familias, sem um adeus a seus filhos, sem uma benção de seus paes.

As scenas de desolação, que se passavam a esta hora na tolda da *Pernambucana*, não ensaiaremos nós de as descrever; não podemos, comtudo, deixar de recordar essa bella e sympathica figura mulher, que se distingue pela sua serenidade e esperanças entre quasi todos os infelizes passageiros; é uma linda menina de 20 annos, que vem casar-se no Rio de Janeiro; mais de uma vez, por uma especie de ironia, a sorte se compraz n'estes contrastes, que tanto têm de afflictivos.

O mar serviu de leito de nupcias á joven

desposada; as fervorosas orações com que implorava o Ente Supremo não foram ouvidas. Ao tocar na costa, quando se elevou esse grito dos naufragados, que, uma vez ouvido, nunca mais esquece, a infeliz sumiu-se para sempre, e a morte veio sorprendê-la entre a ultima phrase de uma oração á Virgem Maria, e o ultimo pensamento de casto amor por seu esposo.

O capitão, perdidas todas as esperanças, resolveu encalhar; — estavam a 3 legoas distante do cabo de Santa Martha, e a algumas braças simplesmente da praia; debalde elle recommendou aos passageiros, que se conservassem na camara, instaram todos por se conservar na tolda; o perigo, que se vê, parece sempre menor do que o perigo que se receia; 50 pessoas, victimas d'esta prevenção fatal, foram immediatamente ao mar, e todas se perderam.

Simão foi o primeiro que se salvou a nado; mas os gritos partidos do navio indicavam-lhe que muitas victimas era mister salvar; dez vezes o bravo africano vence o espaço, que medeia entre a praia e o navio, dez pessoas são por elle roubadas a uma morte infallivel; no fim da decima excursão o preto lança-se á arêa exausto de forças; a natureza oppunha-se já ao heroismo; — parecia não poder mais, — mas era um engano. O amor maternal, essa qualidade sublime da mulher, que mais revela a intervenção da divindade nos factos da vida humana, indicou a uma pobre mãe, que era aquelle o unico homem, que lhe poderia salvar seus filhos, que ambos jaziam em o navio entregues a uma morte infallivel. A infeliz chegou-se ao preto, apontou para o navio, e disse-lhe simplesmente: «Salvae-me os meus filhos.» Estas palavras, e este gesto, aliás simples, resumiam essa eloquencia que é dada por Deus nos momentos dos grandes perigos. Simão comprehendeu-a, — esfregou-se pela arêa como para adquirir novas forças, e deitou-se ao mar; d'ahi a pouco a pobre mãe apertava em seus braços um dos seus filhos, era muito, mas ainda não era tudo; é o que queria dizer esta palavra, que a mãe proferiu com um mixto de esperança e de duvida, saudade e



O preto Simão, salvador dos naufragos da PERNAMBUCANA.

reconhecimento, — e o outro? Simão não respondeu, olhou para a pobre mulher e deitou-se à agua pela decima-segunda vez; as vistas da mãe seguiam o salvador de seu filho, o navio sossobrava a olhos vistos; depois de alguns minutos de anciedade extrema, Simão apportou á praia salvadora — o segundo filho caiu nos braços de sua mãe; a alegria d'esta não ha phrases no mundo, que a possam descrever. — O preto deitou-se na arêa, a sua tarefa parecia definitivamente terminada. O navio sossobrava de todo; um ultimo grito só, unico e afogado pelo estrepito das ondas, veio denunciar que uma creatura humana restava ainda em o vapor, era um infeliz cêgo; ninguem se lembrára d'elle, ninguem lhe havia estendido a mão para o arrancar d'essa voragem, que elle não via nem podia vêr, mas que por isso mesmo se lhe pintava com

maior horror. A este grito Simão não poude resistir, mais uma vez se deita ás ondas, e chega ao navio; o pobre cêgo encontra, finalmente, um homem entre tantos que todos o haviam abandonado, lança-se ás vagas, e o bravo Simão o entrega aos outros companheiros do naufragio.

A sua tarefa estava cumprida, treze vidas havia salvado, — o navio não tinha mais, o fundo do mar guardava 50 cadaveres, mas por esses elle nada podia fazer.

No *Boletim Official* da provincia de Cabo Verde, n.º 153, de 15 de maio ultimo, achámos agora os dados seguintes, que os nossos leitores verão com prazer, e completam esta noticia.

Quando s. ex.ª, o governador geral d'esta provincia, esteve na ilha de Santo Antão, foi apresentar-se-lhe o subdito portuguez, homem

de côr, conhecido vulgarmente pelo nome do preto Simão; pelas indagações, a que então se procedeu, pôde apurar-se o seguinte:

Simão Manuel Alves Juliano, homem livre, natural da villa da Ribeira-Grande da ilha de Santo Antão, freguezia de Nossa Senhora do Rosario, de idade de 29 annos, filho de Manuel Alves Juliano, e de Anna dos Santos Pedrinho, ambos nascidos na mesma ilha, havia embarcado ha um anno para o Brasil, e naufragado nos primeiros dias do mez de outubro, achando-se a tres leguas do Cabo de Santa Martha, e a 10 ou 12 horas da praia.

Salvou treze pessoas, e só deu por terminada a sua tarefa, quando a bordo do navio já não haviam mais victimas.

As pessoas, que escaparam, são unanimes em apregoar a rara intrepidez, sangue frio, e a coragem nunca vista do honrado *preto Simão*, assim geralmente denominado; tornando-se não menos admiravel em occasião tão afflictiva, vêr as maneiras com que elle animava os que estavam em perigo, e consolava os que na praia esperavam que lhes salvasse os filhos ou os amigos!

Apenas os naufragos chegaram á cidade do Rio de Janeiro, abriu-se logo uma subscripção, que em breve chegou á quantia de oito contos de réis, que foram postos a juro, para serem recebidos pelo mesmo Simão no fim de dez annos, cobrando entretanto o rendimento d'elles; os negociantes mandaram-lhe tirar o busto para o collocar na Praça do Commercio, e Sua Magestade, o Imperador do Brasil, chamando-o á sua presença, e tractando-o com a maior benevolencia, lhe conferiu uma medalha de ouro, acompanhada do decreto que abaixo damos por copia.

Sua Magestade, El-Rei Regente de Portugal, apreciador de toda a qualidade de merito, concedeu igualmente ao philanthropico Simão outra medalha de ouro, de que igualmente damos a descripção, e bem assim a copia da portaria, que foi mandada ao Rio de Janeiro.

Por ultimo, a Real Sociedade Humanitaria, estabelecida na cidade do Porto, lhe conferiu a medalha de ouro de 1.^a classe, que elle se propõe de ir pessoalmente receber áquella cidade depois de passar dois mezes com seus paes na terra que os viu nascer.

COPIA. — Dom Pedro, por Graça de Deus, e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil; Faço saber aos que esta Carta virem, que Tendo em attenção os extraordinarios serviços, que prestou o marinheiro portuguez Simão,

por occasião do naufragio do paquete a vapor *Pernambucana*, ultimamente occorrido nas costas do Sul do Imperio, em que se distinguuiu por actos de valor e de heroismo, arriscando a propria vida para salvar as de muitos passageiros do mesmo vapor, e Querendo dar-lhe uma demonstração do Meu Imperial Agrado por tão assignalados serviços: Hei por bem Fazer-lhe Mercê de uma medalha de distincção, a qual será de ouro, e terá na frente a Minha Imperial Effigie, e no reverso o seguinte distico: = Ama ao proximo como a ti mesmo = e permitir-lhe que use d'ella, como se fosse venera de qualquer das ordens do Imperio, com differença sómente da fita, que será côr de fogo. Nada pagou de sello, nem de emolumentos. Dada no Palacio do Rio de Janeiro em 9 de Dezembro de 1853, trigessimo segundo da Independencia do Imperio. = Imperador. = Logar do sello. = *Luiz Pedreira do Couto Ferraz*. = Carta pela qual Vossa Magestade Imperial Houve por bem Fazer Mercê de uma medalha de distincção ao marinheiro portuguez Simão, como acima se declara. — Para Vossa Magestade Imperial vêr. — Por Decreto de 9 de Dezembro de 1853. — *Joaquim Xavier d'Almeida* a fez.

COPIA. — Ministerio do Reino. — Secretaria Geral. — 2.^a Repartição. — Por Decreto de Sua Magestade El-Rei Regente, de 14 de Dezembro de 1853. — Sua Magestade El-Rei Regente, Annuindo á Proposta do Ministro e Secretario d'estado dos Negocios Estrangeiros, a favor de um marinheiro portuguez chamado Simão, natural de Cabo-Verde, em attenção ao acto de heroismo e philanthropia, que praticára com grande risco da propria vida, salvando corajosamente treze pessoas por occasião do naufragio da embarcação a vapor brasileira *Pernambucana*, acontecido pelo principio do mez de Outubro ultimo, nas costas do Sul do Imperio do Brasil, entre o Rio-Grande e Santa Catharina; feito este, que, tendo merecido a geral admiração, fôra immediatamente galardoado por Sua Magestade o Imperador do Brasil com uma medalha de distincção; e Querendo O Mesmo Augusto Regente Dar ao referido marinheiro Simão um testemunho publico do grande aprêço em que Tem tão relevante serviço prestado á humanidade: Ha por bem, em nome do Rei, Fazer-lhe Mercê da medalha de ouro, para distincção e premio concedido ao merito, philanthropia, e generosidade. Pelo que Ordena ás Auctoridades a quem o conhecimento d'este diploma pertencer, que o cumpram e guardem como n'elle se contém,

deixando o agraciado usar livremente da mencionada medalha de ouro de distincção. Não paga direitos de Mercê, nem de sêllo por não os dever. E para sua salva e guarda se lhe passou a presente Portaria, que vae sellada com o sêllo das Armas Reaes. Paço das Necessidades, em 17 de Dezembro de 1853.—*Rodrigo da Fonseca Magalhães*. — *Gratis* na Secretaria do Reino. — *Vellozo*.

Descripção da medalha de distincção de que tracta a Portaria antecedente.

É de ouro, com pollegada e meia de diametro e uma linha de grossura, tendo de um lado a effigie de Sua Magestade A Senhora Dona Maria Segunda, que Santa Gloria Haja; do outro lado, entre duas palmas, a legenda = *Ao Merito* = e de roda = *Philanthropia* — *Generosidade* = por baixo da legenda central lê-se = *Instituida por Sua Magestade Fidelissima A Rainha A Senhora Dona Maria II* = e em volta da superficie cylindrica, que une as duas faces = *Ao Subdito Portuguez Simão* = 7 de Outubro de 1853.

COPIA. — Real Sociedade Humanitaria. — N.º 218. — Sendo presente á Direcção da Real Sociedade Humanitaria o distincto, louvavel, humano, e intrepido comportamento do marinheiro Simão, natural de Cabo-Verde, que, por seus extraordinarios e quasi incriveis esforços, conseguiu no dia 9 de Outubro proximo passado, salvar do naufragio do vapor brasileiro *Pernambucana*, a cuja tripulação pertencia, treze pessoas, que, sem o seu generoso auxilio, indubitavelmente teriam perecido, — na sessão de hoje foi unanimemente resolvido, que, como testemunho de admiração, fosse concedida ao dito marinheiro Simão a honorifica medalha de ouro de primeira classe, a qual terá de receber pessoalmente ou por procuração, juntamente com o diploma, na solemne sessão publica, que terá logar n'esta cidade no dia 15 d'Abril proximo futuro; o que de ordem da Mêsã é communicado ao dito marinheiro Simão, para sua satisfação e demais effeitos. Porto, 28 de Dezembro de 1853.

(Assignado) *Eduardo Moser*, 1.º Secretario.

LITTERATURA.

IGNEZ DE LAS SIERRAS.

(Continuado de pag. 151 do 5.º n.º)

V.

— **M**AS, se não era uma verdadeira aparição, disse Anastacio, apenas me viu assentado, diz-nos então o que vinha a ser: ha um mez que ando a quebrar a cabeça, sem achar explicação que geito tenha á tua historia.

— Nem eu tão pouco, disse Eudoxia.

— Eu não tive tempo para pensar n'isso, disse o substituto; mas tenho uma tal ou qual idéa de que tendia furiosamente para o fanatismo.

— Todavia, não ha nada mais natural, respondi eu, e todos, ou têm ouvido contar, ou visto com os seus proprios olhos cousas muito mais extraordinarias do que as que tenho para vos dizer, se estaes em disposição de me escutar mais esta vez.

O circulo fechou-se mais, porque, nos compridos serões de uma pequena cidade, o melhor que póde fazer-se é ouvir com attenção historias da caroxinha, para chamar pelo somno. Entrei, pois, na materia.

— Disse-vos que se concluíra a paz, que Sergy tinha morrido, que Boutraix se havia mettido frade, e que eu não era mais do que

um proprietario abastado. As rendas atrazadas tinham-me quasi deixado opulento, e uma herança, que me caiu em casa ainda em cima, enriqueceu-me com um superfluo que me incommodava. Resolvi, portanto, gastá-lo em viagens d'instrução e recreio, e hesitei um instante na escolha do paiz que iria visitar; mas isto não foi mais do que um disfarce da minha razão, que luctava com os meus mais vivos desejos. O meu coração chamava-me a Barcelona, e este romance formaria, se ficasse aqui no seu logar, um accessorio muito mais extenso do que o principal. O que é certo é, que uma carta de Pablo de Clauza, o maior amigo que eu havia deixado na Catalunha, veio acabar de me decidir. Pablo casava com Leonor, Leonor era irmã de Estella, e esta Estella, de que vos falei pouco, era a heroína do romance de que vos não direi nada. Cheguei muito tarde para a boda, tinha-se feito havia tres dias; mas continuava, segundo o costume, em festas, que se prolongam ás vezes além das doçuras da lua de mel. Não devia succeder assim na familia de Pablo, que era digno de ser amado por uma mulher completamente amavel, e que é ainda hoje tão feliz, como n'aquella occasião esperava sê-lo. Estas cousas vêem-se de tempos a tempos, mas ninguem se deve fiar n'ellas. Estella acolheu-me como um amigo, que havia muita vontade de se tornar a vêr, e as relações, que eu tinha com ella, não me davam direito para esperar mais, principalmente depois de dois annos de ausencia, porque isto passava-se em 1814, no intervallo de certa paz Europea, que separou a primeira restauração do dia 20 de março.

— Jantamos hoje mais cedo, disse Pablo ao entrar na sala onde eu havia conduzido sua mulher, mas á ceia nos desfarraremos; era preciso consagrar uma hora, ao menos, aos cuidados do toucador, porque creio que não ha aqui ninguem que não queira assistir, nos camarotes que aluguei, á representação, talvez unica, que nós dá a Pedrina. É uma mulher tão inconstante! Sabe Deus se lhe dará na cabeça fugir-nos amanhã!

— A Pedrina! disse eu, reflectindo. Ouvi já uma vez esse nome, e n'uma circumstancia muito memoravel para que pudesse esquecer-me. Não é uma cantora extraordinaria, uma dançarina mais extraordinaria ainda, que desapareceu de Madrid depois de uma noite de triumpho, e de quem nunca mais se acharam vestigios? Ella ha de justificar, sem duvida, a curiosidade de que é objecto por meio de talentos, que não podem soffrer comparação em outro qualquer theatro; mas confes-

so-te com franqueza, que um acontecimento singular da minha vida me enfatiou de todo d'esse genero de emoções, e que não tenho a menor curiosidade de vêr e ouvir a propria Pedrina. Dae-me licença que espere na *Rambla* pela hora de nos reunirmos.

— Como quizeres, replicou Pablo. Parecia-me, porém, que Estella contava contigo para a acompanhares?

Estella veio com effeito, e chegou-se a mim á hora da partida. Esqueci-me de que havia prometido nunca mais tornar a vêr uma dançarina, nunca mais ouvir uma cantora, depois de Ignez de las Sierras; mas fui, porque imaginava, que n'essa noite nem veria, nem ouviria senão Estella. Assim aconteceu com effeito muito tempo, e tanto, que havia de me custar muito a dizer o que se representou primeiro. Nem a mesma bulha, que annunciou a entrada de Pedrina, poudo distrahir-me; quando o silencio profundo, que havia seguido áquella commoção passageira do publico, foi interrompido de repente por uma voz que era impossivel deixar de conhecer. A voz de Ignez nunca havia deixado de soar aos meus ouvidos: perseguia-me nas minhas meditações, embalava-me nos meus sonhos, e a voz, que ouvia, era a voz de Ignez! Estremeci, dei um grito, e atirei comigo para a frente do camarote com os olhos fixos no theatro. Era Ignez! a propria Ignez! O meu primeiro movimento foi procurar recolher em volta de mim todas as circumstancias, todos os factos que podiam demonstrar-me que estava em Barcelona, que me achava no theatro, que não era, como todos os dias, havia já dois annos, a victima da minha imaginação, e o ludibrio de um dos meus sonhos habituaes. Procurei apoderar-me de alguma cousa que pudesse convencer-me da realidade da minha sensação. Achei a mão de Estella, e apertei-a com força.

— Está bom! disse ella sorrindo-se, então estaveis tão bem premunido contra as seducções de uma voz de mulher, e apenas a Pedrina preludia, eis-vos já por ahí além!.....

— Estaes bem certa, Estella, repliquei eu, de que seja esta a Pedrina? Sabeis com certeza se é uma mulher, uma comica, ou uma apparição?

— Realmente, disse ella, é uma mulher, uma comica extraordinaria, uma cantora como nunca talvez se ouviu; mas não imagino, que possa ser mais do que tudo isso. Tomae cuidado, accrescentou ella friamente, o vosso entusiasmo é capaz de inquietar os que vos amam. Não sois o primeiro, segundo se diz, que terá endoudecido ao vê-la, e esta fraqueza de coração não havia de lisonjear, prova-

velmente, nem vossa mulher, se fosseis casado, nem a vossa amante, sendo como sois solteiro.

Ao acabar estas palavras, fugiu-me com a mão, e eu deixei-a escapar. A Pedrina continuava a cantar; depois dançou, e o meu pensamento, arrebatado por ella, entregou-se completamente a todas as impressões que queria dar-lhe. A embriaguez universal encobria a minha, mas augmentava-a ainda mais; todo o tempo que havia decorrido entre os nossos dois encontros havia desaparecido aos meus olhos, parecia-me que estava ainda no castello de Ghismondo; mas no castello de Ghismondo augmentado, ornado, povoado por uma multidão immensa, e as acclamações que se levantavam de todos os lados, retiniam-me aos ouvidos como gargalhadas de demonios. E a Pedrina, arrebatada por um phrenesi sublime, que só o inferno pôde inspirar, continuava a devorar o palco com os seus passos, a fugir, a saltar, a voar, levada ou trazida por impulsos invisíveis, até que, arquejando, cançadíssima, e exhausta de forças, caiu nos braços das comparsas, proferindo com uma expressão indefinível um nome que me pareceu ouvir, e que veio ecoar dolorosamente no meu coração.

— Sergy morreu! exclamei eu, chorando amargamente, com os braços estendidos para o theatro. . . .

— Estaes decididamente louco, disse Estella, fazendo-me assentar no meu lugar. . . ., tranquillizae-vos, ella já lá não está.

— Louco! repeti eu comigo mesmo. . . . Será verdade? Julgaria eu vêr aquillo que não vi? Deixaria eu, com effeito, de ouvir o que me pareceu que ouvi? Louco, meu Deus! Separado do genero humano, e de Estella, por uma enfermidade que me tornará a irrisão do publico! Castello fatal de Ghismondo, é este o castigo que tu reservas aos atrevidos, que ousam devassar os teus segredos? Feliz, mil vezes Sergy, por ter morrido nos campos de Lutzen!

Estava inteiramente submerso n'estas idéas, quando senti o braço de Estella ligar-se ao meu para sair do espectáculo.

— Pobre de mim! disse-lhe eu tremendo, porque começava a tornar a mim, devo inspirar-vos compaixão; mas mais compaixão vos faria ainda se conhecesseis uma historia que me não é permittido contar-vos. O que acaba de se passar não é para mim senão a continuação de uma illusão terrível, de que a minha razão nunca ponde libertar-se totalmente. Deixae-me concentrar os meus pensamentos, e pôl-os, se acaso é possível fazêl-o,

fóra da confusão em que se acham. Não posso entregar-me hoje aos prazeres de uma agradável conversação. Amanhã hei de estar mais socegado.

— Estarás amanhã como quizeres, disse Pablo, que tinha ouvido as minhas ultimas palavras ao passar ao pé de mim; mas não nos deixarás certamente esta noite. Demais, acrescentou elle, conto, para te decidir a isso, com as instancias de Estella, mais do que com as minhas.

— Será verdade? replicou ella, e consentireis com effeito em nos conceder o tempo, que destinaveis, sem duvida, consagrar á Pedrina?

— Em nome de Deus, exclamei eu, não torneis a pronunciar esse nome, minha querida Estella, porque o sentimento que experimento não tem a menor semelhança com qualquer outro que me poderieis suppôr, a não ser, talvez, com o terror. Porque não hei de eu poder explicar-me melhor?

Fóra-me preciso ceder; havia-me assentado á ceia sem tomar parte n'ella, e, conforme eu esperava, não se tinha ainda fallado senão na Pedrina.

— O interesse, que esta mulher extraordinaria vos inspira, disse de repente Pablo, tem o quer que seja de tão exaltado, que se comprehenderia apenas a possibilidade de o augmentar ainda. O que seria então, se conhecesseis as suas aventuras, uma parte das quaes se passou na verdade em Barcelona; mas n'um tempo em que a maior parte da nossa familia não estava ainda aqui estabelecida. Serieis obrigados a confessar, que as desgraças de Pedrina não sorprendem menos do que o seu talento.

Ninguem respondeu, porque todos escutavam; e Pablo, que notou isto, continuou assim: « A Pedrina não pertence á classe de que saem ordinariamente as suas collegas, e em que se recrutam essas companhias nómades, votadas pelo destino aos prazeres da multidão. O seu verdadeiro nome foi nos tempos antigos o de uma das familias mais illustres da velha Hespanha. Chama-se Ignez de las Sierras. »

— Ignez de las Sierras! exclamei eu, erguendo-me do meu lugar n'um estado de exaltação impossivel de descrever; Ignez de las Sierras! É pois verdade? Mas sabes tu, Pablo, quem é Ignez de las Sierras? Sabes d'onde ella vem, e porque terrível e mysterioso privilegio se faz ouvir no palco d'um theatro?

— O que eu vi, disse Pablo sorrindo-se, é uma pobre desgraçada creatura, cuja vida é tão digna de piedade como de admira-

ção. Quanto á commoção, que te causa o seu nome, não me admira, porque é provavel que o tenhas ouvido mais do que uma vez nas melancolicas chacaras dos nossos romanceiros. A historia, que elle recorda ao nosso amigo, continuou elle dirigindo-se ao resto dos ouvintes, é uma das tradições populares da idade média, que tiveram provavelmente por fundamento alguns factos verdadeiros, ou, pelo menos, algumas apparencias d'isso, e que se têm conservado, de geração em geração, na memoria dos homens, até ao ponto de adquirir uma especie de auctoridade historica. Fosse porque fosse, esta, de que tractámos, gozava já de grande credito no seculo XVI, visto que obrigou a poderosa familia de las Sierras a expatriar-se com todos os seus bens, e a aproveitar as novas descobertas da navegação, transportando a sua residencia para o Mexico. O que é certo é, que a fatalidade tragica por que era perseguida, não afrouxou em outros climas. Tenho ouvido afirmar muitas vezes, que ha 300 annos todos os seus chefes têm morrido de morte violenta. No principio d'este seculo, o ultimo dos nobres senhores de las Sierras vivia ainda no Mexico. A morte acabava de lhe arrebatá-la sua mulher, e não lhe restava mais do que uma filha de 6 a 7 annos, que se chamava Ignez. Nunca em tão tenra idade se viram faculdades tão brilhantes como as que tinha aquella menina, e o Marquez de las Sierras não esqueceu cousa alguma, que podesse concorrer para a cultura d'estes dons preciosos, que promettem tanta gloria e felicidade á sua velhice. Por muito feliz deveria elle ter-se, com effeito, se a educação de sua filha um dia podesse absorver todos os seus cuidados e affeições; mas sentiu dentro em pouco a funesta necessidade de preencher ainda com outro sentimento o vacuo profundo do seu coração. Amou, julgando-se amado, e lisongeou-se com a escolha que fizera; fez mais, felicitou-se por dar uma outra mãe á sua bella Ignez, e deu-lhe uma inimiga implacavel. A viva intelligencia de Ignez comprehendeu logo todas as difficuldades da sua nova situação. Viu dentro em pouco que as artes, que até allí haviam sido unicamente para ella objecto de distracção e prazer, podiam vir a ser um dia o seu unico recurso. Entregou-se desde então a ellas com um enthusiasmo, que foi coroado por um exito nunca visto, e no fim de um pequeno numero de annos deixou de encontrar quem podesse dar-lhe lições; mas pagou caro este glorioso triumpho; se é verdade, como se diz, que desde aquella epocha a sua razão, tão pura e brilhante, vencida pelas fadigas, se

alterou gradualmente, começando por momentos de loucura a trahir a desordem da sua intelligencia, no momento em que parecia não ter mais nada que aprender. Um dia o corpo inanimado do Marquez de las Sierras foi conduzido para sua casa. Tinha sido achado, cheio de feridas, n'um logar retirado, onde se não poudo descobrir circumstancia alguma, que podesse dar idéa do motivo e do auctor de tão cruel assassinato. A voz publica começou porém dentro em pouco a designar um culpado: o pae de Ignez não tinha inimigos conhecidos; mas, antes do seu segundo casamento, tinha tido um rival conhecido no Mexico pelo ardor das suas paixões, e pela violencia do seu genio. Todos pensaram n'elle no intimo do coração; mas esta suspeita universal não poudo ser convertida em accusação, porque nem era ao menos justificado por apparencias de provas. Todavia, as conjecturas da multidão adquiriram nova força, quando se viu, passado alguns mezes, a viuva da victima passar aos braços do assassino, e se cousa alguma as esclareceu depois, também nada diminuiu, ao menos, a impressão que havia causado. Ignez ficou, pois, solitaria na casa de seus avós, entre duas pessoas, que lhe eram igualmente estranhas, que um instincto secreto lhe tornava igualmente odiosas, e ás quaes a lei havia cegamente confiado a auctoridade com que suppre a falta da familia. Os ataques, que tinham por vezes ameaçado a sua razão, multiplicaram-se então de um modo terrivel, o que a ninguem surpreendeu, posto que geralmente se ignorasse a maior parte das suas desgraças.

Havia no Mexico um moço siciliano, que se chamava Gaetano Filippi, e cuja vida anterior parecia occultar um mysterio suspeito. Uma leve tintura das artes, uma conversação seductora, mas frivola, maneiras elegantes, em que se trahiam o estudo e affectação, um verniz de civilidade, que os homens de bem devem á educação, e os aventureiros ao tracto do mundo, tinham-lhe aberto as portas da alta sociedade, que a depravação dos seus costumes deveria impossibilitá-lo de frequentar. Ignez, apenas de 16 annos, era muito ingenua e exaltada ao mesmo tempo, para penetrar a través d'este véu enganador. Tomou a perturbação dos sentidos pela revelação de um primeiro amor. Gaetano não se embaraçava com a difficuldade de se dar a conhecer por titulos honrosos; sabia a arte de procurar aquelles de que necessitava, e de lhes dar toda a apparencia de authenticidade necessaria para fascinar olhos mais habéis e experimentados. Foi, comtudo, em vão, que

pediu a mão de Ignez. A madrastra d'aquella desventurada havia resolvido lançar mão da sua fortuna; e é provavel que não tivesse sido escrupulosa na escolha dos meios. Seu marido ajudou-a pela sua parte com um zêlo, cuja causa secreta lhe não convinha revelar. O miseravel estava enamorado da sua pupila, e havia ousado declarar-lh'o algumas semanas antes, tendo muito boas tenções de a seduzir. Era esta a pena profunda, que aggravava tão cruelmente, havia algum tempo, os mortaes desgostos de Ignez.

A organização de Ignez era como a de todas aquellas pessoas, que o talento favorece em subido gráu, e juntava á elevação de um engenho sublime, uma fraqueza extrema de character.

Na vida da intelligencia e da arte era um anjo; na vida commum e pratica era uma creança. A minima apparencia de um sentimento benevolo, captivava-lhe o coração, e quando este estava captivo, a razão ficava sem objecções para o combater. Esta disposição do espirito nada tem de funesto, quando se acha collocado em circumstancias felizes, e debaixo de boa direcção. Mas o unico ente, cujo imperio Ignez poderia reconhecer na triste solidão em que a morte de um pae a tinha deixado, só tractava de a perder; é este um dos segredos horribéis, que a innocencia não suspeita! Gaetano decidiu-a quasi sem difficuldade a um rapto, de que, segundo elle, dependia a salvação da sua amante. Pouco trabalho teve para convencer Ignez de que tudo lhe pertencia por um direito legitimo e sagrado na herança de seus paes, e poucos mezes depois, munidos abundantemente d'ouro, joias e diamantes, estavam ambos em Cadiz.

Aqui o véu começou a erguer-se; mas os

olhos de Ignez, ainda offuscados pela falsa luz do amor e do prazer, recusaram por muito tempo mostrar-lhe a verdade, tal qual ella era. Todavia, o mundo no meio de que Gaetano a tinha lançado, causava-lhe ás vezes receios pela licença dos seus principios; Ignez admirava-se de que a passagem de um hemispherio para outro podesse produzir tão estranhas differenças na linguagem e nos costumes; procurava, tremendo, um pensamento que comprehendesse o seu no meio da multidão de aventureiros, de libertinos, e de mulheres perdidas, que compunham a sua sociedade habitual, e não podia encontrá-lo. Os recursos pecuniarios, que devia a uma acção, de que a sua consciencia a não podia absolver, começavam de mais a mais a escassear, e a ternura hypoerita de Gaetano parecia diminuir com elles. Um dia perguntou por elle inutilmente quando acordou, esperou-o tambem inutilmente até á noite; no dia immediato passou da inquietação ao susto, e do susto ao desespero; a horrivel realidade veio emfim pôr o ultimo remate ás suas desgraças. Gaetano tinha partido, depois de lhe haver roubado tudo, e tinha partido com outra mulher. Havia-a abandonado, pobre, deshonrada, e, por ultima desgraça, entregue ao seu proprio desprezo. Este impulso de nobre altivez, que reage contra o infortunio n'uma alma sem mancha, despedaçou-se na de Ignez. Havia tomado o nome de Pedrina para escapar ás diligencias, que os seus indignos parentes podiam fazer para a descobrir. « Pedrina, seja! disse ella, com amarga resolução; vergonha e ignominia sobre mim, uma vez que o destino assim o quiz! » E nunca mais tornou a ser senão a Pedrina.

(Continúa).



HISTORIA.

A GUERRA DO ORIENTE,

OU

OS RUSSOS E OS TURCOS.

(Continuado de pag. 156 do 5.º n.º)

III.

A FRANÇA, n'esta epocha, era essencialmente fiel á sua divisa de paz; os debates prolongaram-se; mas não se passou dos meios diplomaticos, a Porta deu explicações francas e leaes a mr. de Lavallette, a França acceitou-as, e o *firman* continuou a subsistir.

Tractava-se agora de o executar, que era a segunda grande difficuldade a vencer: conseguida ella, a Turquia tinha saído d'esta crise, que ameaçava ha muito ser, o que effectivamente se tornou depois, isto é, de vida ou morte para ella, ou, pelo menos, uma transformação completa no seu modo de existir.

Tão importante considerou a Porta este assumpto, que nomeou um commissario *ad hoc*, e o enviou de proposito a Jerusalem. Áafif-bey, *beylikdj* (vice-chancellor) do Divan, foi escolhido para esta missão, isto é, para dar execução ao *firman*, que nos proprios logares regulava a posse definitiva dos diversos sanctuarios. Áafif-bey tinha feito parte da commissão, e pelas suas funções mesmo de vice-chancellor, era a pessoa mais ao facto de tudo o que se tinha passado, e a mais apta a desempenhar esta delicada tarefa. As instrucções, que lhe foram dadas, eram redigidas por Áali-pachá, e foram communicadas á embaixada de França, e á legação russiana. Esta ultima não fez objecção alguma, excepto na parte que dizia respeito ás chaves da igreja de Bethlehem: pretendendo dar um outro sentido á communicação feita á Russia, e ao espirito

do *firman* dado aos gregos, oppunha-se a que se entregasse aos latinos uma chave da porta principal da egreja, unica vantagem que a França tinha obtido depois de tantos e tão variados debates, e que demais não era nem uma derogação do *statu quo*, porque o proprio documento, em que os gregos mais se firmavam, reconhecia mui claramente aos latinos o direito de ter uma chave.

Novas e imprevistas difficuldades surgem ainda de todos os lados. Desde a chegada do commissario imperial a Jerusalem, reconheceu-se que a maior d'ellas era o modo de communicar o *firman* de que era portador. Insistimos n'estas particularidades, e chamámos a attenção sobre ellas para se vêr bem onde levam as questões religiosas, convenientemente exploradas, e como este grave negocio foi preparado desde o principio para chegar aos fins a que se aspirava.

Quando o *firman* tinha sido entregue ao patriarcha æcumenico de Constantinopla, em presença dos chefes leigos da comunidade, a Porta, prevendo já, que, se se desse muita solemnidade a este acto, poderia excitar a susceptibilidade da França, tinha-lhe exigido promessa de não pedir a leitura solemne d'este documento, tanto mais, que, segundo seu proprio conteúdo, elle devia ser registado no tribunal da propria localidade, e ficar em poder d'elles: foi na conformidade d'esta promessa, que a Porta se tinha compromettido para com o embaixador francez a evitar, em as formalidades, todo o processo, que podesse offender a França.

Qual não seria, pois, a surpresa de Áafif-



GENERAL, PRINCIPE WORONZOFF.

bey, quando, á sua chegada a Jerusalem, o patriarcha e o consul russo n'esta cidade insistiram em que a leitura do *firman* tivesse lugar solemnemente, diante de todas as comunidades reunidas! Não preparado para esta exigencia, que estava fora das suas instrucções, e temendo os perigos que esta leitura podia causar no estado de irritação em que se achavam os animos na cidade santa, viu-se obrigado a escrever para Constantinopla. O encarregado da Russia, prevenido ao mesmo tempo pelo consul d'esta potencia em Jerusalem, fez immediatamente as suas representações, não ao ministro dos negocios estrangeiros, mas directamente ao grão-vizir Mehemet-

Ali-pachá, a quem inculcou a hesitação, aliás bem natural do commissario ottomano, como uma violação do que se havia convencionado com o imperador; e que por isso a questão, sendo agora entre os dois soberanos, é por isso que se dirigia a elle grão-vizir, não na sua qualidade de ministro, mas sim como cunhado do sultão.

A Porta cedeu ainda mais uma vez, tal era o seu desejo de conciliar a boa vontade russiana, e fazer desaparecer até a minima sombra de queixa ou pretexto; e, não obstante a solemne promessa feita á França, assumia toda a responsabilidade, e mandou ordem a Ááif-bey para proceder á leitura do *firman*, não

com algumas restricções, como depois o asseverou o conde Nesselrode na sua circular, mas com todas as formalidades usuas, isto é, no grande conselho de Jerusalem em presença do governador, do cadí, e dos fiéis das diferentes egrejas.

O embaixador de França, irritado, com toda a razão, por este comportamento, que assim infringia os mais sollemnes ajustes, e promessas feitas á França, dirigiu as mais veementes representações á Porta, que conseguiu, ainda d'esta vez, tranquillizar a sua susceptibilidade por tão justos motivos offendida.

O commissario ottomano em Jerusalem, passado este incidente da leitura do *firman*, desempenhou sem obstaculo todos os outros pontos da sua missão; mas quando chegou á entrega das chaves, começou um novo debate entre elle e o clero grego, que pretendia, que, além das duas chaves do altar, a outra, que, segundo as disposições do *firman*, devia ser entregue aos latinos, era a de uma das portas lateraes que estes já possuíam.

Debalde Áafif-bey empregou todos os seus esforços para fazer entender aos gregos, que, segundo a disposição do *firman*, e mesmo a dos antigos actos, que se achavam em seu poder, era a chave da porta principal que devia ser entregue aos latinos, porque a chave da porta lateral, que estes ha muito possuíam, estava inteiramente fóra da questão, e não podia a ella referir-se o *firman*.

Não obstante tão solidas razões, foi-lhe impossivel fazêl-os acceder á sua vontade, e por isso teve novamente de se dirigir á Porta, dando-lhe parte do que havia occorrido.

Fuad-efendi, já então ministro dos negocios estrangeiros, submetteu a questão a novos debates do conselho de ministros, em que tomaram parte os membros *ulemas* da commissão. « Depois de um novo e profundo exame dos documentos e mais papeis, o conselho declarou, que não havia motivo para alterar a decisão primitiva; que uma chave da porta principal da egreja de Bethleem devia ser entregue aos latinos, que nem por isso ficavam autorizados a tocar no *statu quo* da egreja. » Um novo relatorio do conselho foi apresentado ao Sultão, que o sancionou, e a Sublime Porta mandou então a Áafif-bey a ordem de executar esta nova confirmação do que primitivamente havia decidido, e de dar por terminada a sua missão, fazendo, segundo o que o conselho havia decidido, pôr no lugar da que tinha sido roubada, uma nova estrella feita á custa do governo.

Tal é a serie de factos, diz mr. Ubcini, que o governo russo allegou para accusar os

ministros da Porta de má fé, como se vê da nota verbal do principe Menschikoff, de 19 d'abril de 1853, e que adiante transcreveremos; e foram tambem estes os factos allegados para justificar a vinda do principe Menschikoff a Constantinopla no mez de fevereiro de 1853.

Era necessario, comtudo, marchar cautelosamente: communicações foram por isso feitas pela Russia ás potencias occidentaes; n'estas communicações apresentava-se esta viagem, como tendo unicamente por fim obter certas satisfações pessoais para o imperador. O Czar dizia-se offendido pelo procedimento dos ministros do Sultão em os negocios dos logares santos; este procedimento fazia-se passar como a contradicção mais solemne da carta autographa escripta pelo Sultão ao imperador.

O facto passou nas côrtes do Occidente. A França e a Inglaterra nada tinham a oppôr ao negocio apresentado sob esta face; no entanto, é hoje fóra de duvida, que lhe deviam ter suspeitado a sinceridade, e desde então prevenir-se para o que mais tarde devia succeder. As conferencias do imperador com o ministro inglez em S. Petersburgo, ainda então em segredo para a Europa, já eram conhecidas dos estadistas inglezes. Não tinha dito o Czar áquelle ministro, que o imperio turco estava muito *doente*? O que significava, pois, essa insistencia em um negocio que lhe aggravava a olhos vistos a *enfermidade*?

Menschikoff não era o simples diplomata destinado a compôr, por meio de troca de notas, uma questão de gabinete; mas sim uma ameaça viva, porque era o representante de todo o poder militar moscovita, o vencedor d'Anapa e do Danubio, que vinha recordar a campanha de 29, e o tractado de Adrianopolis.

Quem se poderia illudir com o caracter d'esta missão? Não cedera a França quanto podia, e talvez mais do que devia ceder? Não se reconhecia logo como um pretexto esse affinco em querer intervir em um assumpto, a que se devia ser absolutamente estranho? Enganariam alguém esses movimentos de tropas para a Moldavia, porque eram annunciados sob o *innocente* pretexto de acantonamentos ordinarios de inverno?

A Turquia apresentava por esta epocha uma especie de abatimento, que parecia o ensejo mais proprio para exigencias d'esta natureza: pouco energica para com a Austria, na ultima questão dos refugiados, mas assim mesmo indisposta para com esta potencia; pouco apoiada, ou, por assim dizer, aban-

donada pela França e Inglaterra, que apenas tinham encarregados de negocios em Constantinopla; o throno da França occupado por um Bonaparte, e por consequencia parecendo quasi impossivel uma alliança intima entre as duas grandes potencias occidentaes; os estados do norte cortados pelo terror da propaganda; a Austria a braços com a Hungria e a Italia; o throno da Prussia occupado por um parente tão proximo, e um amigo tão intimo do Czar; trezentos mil homens de tropas já disponiveis; uma esquadra temivel; fortalezas de uma força e uma resistencia que hoje se demonstra á prova de todo o esforço da maior

nação maritima; todo este conjuncto de circumstancias parecia aconselhar a aggressão ao Czar, e prometter-lhe d'ella o melhor resultado.

Foi, pois, debaixo d'estes auspicios, que o principe Menschikoff embarcou em Odessa com a sua comitiva, e desembarcou em Top-Hané a 28 de fevereiro de 1853.

A questão agora principia a tomar a sua verdadeira face, e as tendencias e intenções da Russia a manifestarem-se mais claramente.

E o que vamos vêr no capitulo segundo.

(Continúa).

COGITAÇÕES DE UM SOLDADO.

QUADROS DA HISTORIA MILITAR.

(Continuados de pag. 159 do 5.º n.º)

V.

A batalha de Zâma.

O CAMPO de batalha é, como dissemos, uma vasta e extensa planicie, não o descreveremos mais minuciosamente porque na tactica antiga o terreno não tinha a influencia que apresenta em a moderna; as tropas haviam por força vir ao contacto para decidir a acção; o combate acabava por ser individual e corpo a corpo, o terreno perdia por consequencia uma parte da sua importancia.

A tactica romana, n'esta epocha, é que é preciso conhecer para formar uma idéa d'esta importante batalha. (*)

A unidade tactica da infantaria romana é a legião em que ha quatro classes distinctas de soldados, os *velites* ou armados á ligeira, que escaramuçavam e preparavam a acção,

(*) E' sabido que a tactica romana, em geral, e principalmente a formação da linha de batalha soffreu diversas alterações, pelo que é necessario referirmo-nos a uma epocha determinada.

coabrindo a linha de batalha, como hoje os nossos atiradores; os *hastiarum*, *principes* e *triarii* que formavam a linha de batalha.

A legião dividia-se em dez cohortes, a coorte em tres manipulos, o manipulo em duas centurias.

O manipulo era formado da decima parte de cada uma das especies distinctas de soldados que compunham a legião. Tomemos, por exemplo, a legião de 4:200 soldados; esta era formada de 1,200 *velites*, 1,200 *hastiarum*, 1,200 *principes* e 600 *triarii*; (*) o manipulo dos *velites*, *hastiarum* e *principes* era de 120 e o de *triarii* de 60; os *velites* não formavam na linha de batalha, e por isso á legião se contavam só 30 manipulos.

Os manipulos formavam a 10 de fundo, por consequencia cada manipulo das tres primeiras classes tinha 12 homens de frente, e os da ultima 6.

Os manipulos eram separados por um intervallo igual á sua frente; e de homem a homem, tanto nas filas como nas fileiras me-

(*) O numero dos *triarii* não mudou ainda, quando a força da legião se tornou depois mais consideravel.

diava um espaço de 3 pés (proximamente), para poderem manejar a espada, e atacar e defender-se.

A legião, em ordem de batalha, formava por manipulos dispostos em xadrez na ordem seguinte. — Os dez manipulos dos *hastiarum* na frente separados por um intervallo igual ao espaço que cada um d'elles occupava de frente; na rectaguarda, á distancia pouco mais ou menos de 37 toesas, os dez manipulos dos *principes* correspondendo as suas frentes aos intervallos dos primeiros; e á retaguarda d'estes, a igual distancia (37 toesas), e com os intervallos correspondendo aos cheios dos segundos, estavam os *triarii*.

Os *velites*, a que tambem se chamava *accenses* e *rorarii*, eram os mais moços e os mais pobres dos soldados que compunham a legião; não usavam capacete, e traziam na cabeça simplesmente um barrete de pelle d'aquelle animal que escolhiam, como para designar certas qualidades especiaes do seu character; os que queriam passar por astutos traziam o barrete de raposa; os valorosos, de leão, os ferozes, de tigre, etc., Armavam-nos com o dardo, arma de arremesso, cujo cabo tinha trinta e duas pollegadas e sete linhas de comprimento, e um dedo de diametro, e o ferro, que era extremamente delgado e agudo, tinha sete pollegadas e seis linhas de comprimento. Traziam tambem uma espada pequena segura a um talabarte, que lhes passava do hombro esquerdo ao lado direito para terem o braço esquerdo desembaraçado para o escudo.

O escudo dos *velites* denominava-se *parma*, era redondo e tinha trinta e duas pollegadas e sete linhas de diametro.

Cada *velite* trazia sete das pequenas lanças ou dardos que arrojava contra o inimigo. Os legionarios (isto é, *hastiarum*, *principes* e *triarii*), usavam o armamento seguinte: — capacete de couro coberto de placas de cobre, tendo um pennacho de tres plumas pretas, o que parecia elevar-lhes um pouco a estatura; a couraça que era formada de duas partes distinctas, uma que chegava até ao estomago, e era composta ordinariamente d'uma lamina de cobre, ou ferro forjado, tendo a chanfradura sufficiente para não embarçar o movimento do pescoço, e outra que protegia o ventre, e era formada de pedaços de couro forrados de laminas de metal; as botas de que a do pé direito era ordinariamente mais forte, e que lhes protegiam as pernas; o escudo (*scutum*), que era de figura quadrangular, concavo, e da largura de 27 pollegadas e 3 linhas, e d'altu-

ra de 43 pollegadas e 6 linhas, formado de duas ordens de taboas cobertas de couro, e com os dois lados curvos, guarnecidos d'uma lamina de ferro, tendo no centro um espigão de metal; a espada, que traziam da mesma maneira que os *velites*, e que era das armas offensivas dos romanos a mais temivel, e aquella em que tinham mais confiança, era de forma recurvada, de dois gumes, e com a ponta extremamente aguçada, podendo ferir tanto de corte como de estoque, nimiamente pesada, e tendo 22 pollegadas de comprido, 15 linhas de largura junto aos copos, e 6 proximo do extremo.

Alem d'esta espada commum a toda a especie de infantaria romana, os *hastiarum* e os *principes* usavam o *pilum*, que era outra especie de dardo maior, cujo conto tinha 4 pés e 1 pollegada de comprimento, e 2 pollegadas e 8 linhas de diametro. O ferro, do mesmo comprimento que o cabo, compunha-se de duas partes eguaes, a inferior tinha duas laminas de mais de um dedo de espessura que abraçavam o cabo ou conto até ao meio do seu comprimento, e ao qual se fixavam por meio de pontas de ferro; a superior era quadrada de pollegada e meia de lado, e terminando em ponta extremamente aguda.

Os *triarii* usavam o pique, lança muito maior, pois tinha 10 a 11 pés de comprido, e permittia aos soldados d'esta especie receberem a pe firme o choque tanto da infantaria como da cavallaria.

Quando se formava a legião escolhiam para formar os *triarii* os cidadãos que tinham mais experiencia da guerra, para os *principes* os homens mais vigorosos, e o restante eram os *hastiarum*.

A cavallaria não mereceu aos romanos no principio os mesmos cuidados que prestaram á sua infantaria.

A cavallaria legionaria dividia-se por turmas, cada legião tinha tantas turmas quantas cohortes, por consequencia dez; cada turma tinha trinta cavalleiros, e subdividia-se em tres decurias, sendo cada uma d'estas commandada por um official, chamado decurião.

A turma formava em batalha a tres de fundo e por consequencia a 10 de frente.

Foi Scipião quem deu mais particular attenção á cavallaria, applicando-se principalmente a melhorar-lhe a manobra e o armamento, o que tornava necessario a reconhecida inferioridade que tinha a cavallaria romana, comparada com a cartagineza, e á qual Annibal tinha devido até então grande parte dos seus triumphos. Em Zâma, a cavallaria

romana usava já para a sua defeza o capacete, a couraça, o escudo oblongo e as botas; e como armas offensivas, — o dardo e a lança dupla; isto é, uma lança do comprimento de 10 a 11 pés, tendo n'uma das extremidades um ferro de 4 a 5 pollegadas, e na outra um segundo ferro mais pequeno, para no caso de se partir o primeiro; o sabre ou espada curva completava o armamento da cavallaria n'este periodo.

Dada esta ligeira noticia, passemos á descripção propriamente da batalha.

VI.

Os dois exercitos mui pouco se differencavam em força numerica; o d'Annibal era, como dissémos, um pouco superior, e tinha além d'isso, uma vantagem decidida sobre o seu adversario, em virtude de possuir 80 elephants que apresentou na frente de batalha.

Quando o sol assomou ao horizonte, o exercito carthaginez apresentava aos romanos um d'esses espectaculos que não ha no mundo uma phrase só que o possa definir completamente, porque é diverso, conforme são as individualidades que o presenciam. Sublime para uns, horroroso para outros, extraordinario para todos, influe ou aterra, commove ou enthusiasma, conforme a indole d'aquelles a quem affecta. A tempestade mais furiosa não impressiona tanto como esse silencio aterrador que precede o romper das grandes batalhas: antes do resoar das trombetas passa-se sempre no fundo da alma ainda mais heroica a lucta impreterivel do dever com a natureza; para afogar o instincto vago da conservação é necessario o estrepito das armas e o furor das batalhas: o soldado em quanto vê só e não opera, receia sempre: o perigo só se não teme, quando se chega a esquecer.

Aos olhos dos soldados romanos o exercito carthaginez apresentava um espectaculo que não era de certo para tranquillisar.

Oitenta elephants preparados e adestrados para a guerra formavam na frente da linha de batalha.

Á retaguarda dos elephants estendia-se a primeira linha, composta das tropas estrangeiras; eram os gaulizes semi-nús, trazendo, como sempre, a sua espada segura a uma cadêa de ferro; eram os baleares com as suas tunicas pittorescas; os mouros, excellentes atiradores, os ligurios, e todas as outras tropas que a republica de Carthago tinha tomado a seu soldo.

Na segunda linha formavam os recrutas

carthaginezes, os soldados da nova leva em que Annibal não tinha tanta confiança; finalmente, na terceira linha, que distava da 2.^a proximamente 125 passos geometricos, Annibal collocára os seus veteranos, as tropas que trouxera comsigo da Italia, em que punha toda a sua confiança, e no meio das quaes se conservou durante a batalha.

A cavallaria numida formava no flanco direito da primeira linha, a carthagineza no flanco esquerdo.

Annibal dirigiu-se então a seus soldados. Poucas palavras, mas energicas, é o grande segredo da eloquencia n'estas circumstancias; aos recrutas disse, que os soldados velhos os contemplariam durante a acção; aos estrangeiros, que os carthaginezes os julgariam segundo o seu comportamento; aos veteranos recordou as passadas campanhas, e a gloria n'ellas adquirida. Logo depois deu o signal para principiar a batalha.

Vê-se, pela disposição dada ás suas tropas e que acabámos de referir, que nada havia esquecido ao infeliz general para fixar a victoria, já infiel ha algum tempo aos estandartes carthaginezes.

Os elephants, acompanhados por alguns dos melhores atiradores das tropas estrangeiras deviam cair na linha dos hastiarios romanos e semearem alli a desordem e a confusão.

Se os elephants fossem repellidos, era o resto dos estrangeiros e os recrutas que deviam effectuar o ataque; repellidos estes, os veteranos avançariam então para receber nos seus intervallos os fugitivos da primeira linha, deixando-os ir formar á sua retaguarda, em quanto elles carregavam, para depois virem flanquear o inimigo, debilitado por força em virtude de tantas cargas successivas.

Vê-se, pois, que o grande estrategico da antiguidade havia previsto tudo, tudo calculado; contava tanto com a derrota, como com a victoria: para todos os casos tinha providenciado; mas o espirito humano é sempre fraco, quando lucta contra as indicações da Providencia; um acaso destruiu as combinações da sciencia; o genio luctava contra o destino; succumbiu, mas succumbiu com gloria.

Scipião não era inferior a Annibal; nas planicies de Zama appareceu, o que raras vezes succede, general contra general, genio contra genio; a arte não se infringiu, a Providencia é que destinou.

A vista d'aguia do vencedor d'Asdrubal comprehendeu logo as intenções do seu poderoso adversario; o cunho do genio é o a-

fastar-se dos tramites communs : Scipião possuía-o ; saiu do caminho ordinario e aproveitou.

Na primeira linha havia elle collocado, como era costume, os manipulos dos *hastiaros* com os competentes intervallos eguaes ás suas frentes ; na segunda linha collocou egualmente os manipulos dos *principes*, mas com a differença de que longe de ficarem em xadrez, isto é, os cheios de uns correspondendo aos intervallos dos outros, collocou uns directamente á retaguarda dos outros ; em a terceira linha poz os *triarios* tambem formados por manipulos e directamente á retaguarda dos *principes* ; de maneira que o exercito romano apresentava, no momento de começar a batalha, a formatura que nós hoje chamariamos de columna aberta por manipulos, ficando em toda a profundidade da ordem de batalha ruas ou intervallos, cuja largura era igual á frente d'um dos manipulos ; eram estes intervallos destinados a fazer passar por elles os elephantes quando chegassem á frente dos romanos, e para isso os *velites*, que occupavam os intervallos da linha dos *hastiaros*, deviam sair d'ahi, e, por meio dos seus gritos e armas de arremêso, dirigil-os para aquelles intervallos.

No flanco esquerdo da linha dos romanos estava Massinissa com a sua cavallaria numida, que ficava assim opposta á cavallaria numida do exercito de Annibal, no flanco direito estava Lælius commandando a cavallaria romana, que ficava por consequencia directamente opposta á cavallaria carthagineza.

Foi Annibal, como dissemos, quem deu primeiro o signal para o combate, os elephantes avançaram. Os gritos, as trombetas, a bulha das armas, tudo de proposito augmentado no exercito romano, espantaram alguns d'elles, que voltaram á retaguarda e foram cair na cavallaria numida que lhes protegia o flanco, e semearam n'ella a desordem e o terror. Foi este o momento que aproveitou Massinissa para carregar os seus antigos vassallos com todo o impeto, que lhe dava o ardor da peleja e o desejo de reconquistar o throno que havia perdido.

Surpreendidos pela carga os cavalleiros africanos não poderam resistir ao choque dos seus contrarios, cederam, recuaram, e em pouco foram levados por Massinissa para a retaguarda do campo de batalha ; Annibal viu-os sumir no horizonte, e esperou ao menos que elles não voltassem antes da sua infantaria ter vencido ; conhecia bem a arte da guerra para saber, que se Massinissa voltasse a tem-

po, o exercito carthaginez estava perdido.

Do resto dos elephantes, uma parte foi arrojada pelos *velites* romanos para o intervallo dos manipulos, outra parte retrogradou e foi semear a desordem na propria cavallaria carthagineza ; era a sorte, que, a olhos vistos, abandonava Annibal.

Como Massinissa, Lælius aproveitou tambem este momento para carregar a cavallaria contraria, fel-a recuar, pol-a em desordem, e sumiu-se á retaguarda de Annibal, perseguindo-a a través da planicie. Segunda razão para este acelerar a victoria. A indiciação era o maior dos perigos ; os momentos para vencer estavam contados ; em a cavallaria voltando, a batalha estava irremissivelmente perdida : tinha ambos os flancos descobertos, e seria então atacado de revez.

A infantaria dos dois exercitos avançou ao mesmo tempo para se atacar, com excepção apenas da terceira linha carthagineza que ficou firme.

Os *hastiaros* romanos tinham cerrado os intervallos e avançavam em linha plena ; os estrangeiros do exercito de Annibal descarregaram sobre elles uma nuvem de pedras, dardos e outras armas de arremêso ; os *hastiaros* romanos, não obstante as suas armas defensivas, e o seu valor, hesitaram na carga, e por um instante fizeram alto ; era o momento que Annibal tinha destinado para a segunda linha carregar ; mas esta, como dissemos, era composta de recrutas, um instante de medo paralysoou a mais bem disposta das combinações humanas : a segunda linha hesitou pois, quando devia avançar. Os romanos cobraram animo, e voltaram novamente á carga ; os estrangeiros, não se vendo sustentados, recuaram em boa ordem ; por muito tempo augmentaram o choque dos seus adversarios, mas infelizmente, vendo que não eram de modo algum sustentados e que os carthaginezes da segunda linha pareciam de proposito compromettê-los, viraram as costas aos romanos e caíram desesperados sobre a segunda linha carthagineza.

Annibal presencêara toda a acção ; subira-lhe o sangue ao rosto ao vêr a indignidade dos homens, que mais interessados eram em vencer, defendendo a sua vida, a sua patria, e a sua honra militar.

Entre algumas expressões de profundo desprezo, mandou-lhes dizer, que se não se comportassem como deviam, os mandaria carregar pelas proprias reservas, e que principiaria assim a defender a patria sacrificando os traidores.

Os covardes, collocados d'esta maneira entre as lanças dos *hastiaros* romanos, e o furor dos proprios compatriotas enraivecidos, tiraram uns restos de coragem da certeza absoluta do perigo; escolheram dos dois males o menos certo, e carregaram com impeto. Os estrangeiros ajudaram-nos então. A este duplo ataque, a primeira linha romana cedeu, começou a recuar, e ia entrando em desordem; feito era d'elles se a segunda linha (os *principes*) não viesse tambem em seu auxilio. Os brios dos covardes são sempre ephemeros, como todos os actos que a natureza do individuo contraria: o valor é a qualidade moral, que por menos tempo, e com mais difficuldade se póde fingir. Atacados pelos *principes*, as novas levas cartaginezas fugiram logo; na sua fuga arrastaram os estrangeiros, e vieram cair sobre a reserva, que, impassivel, assistia ao combate; o choque foi tal, que esta teria recuado, se, calando os piques contra os fugitivos, os não tivesse obrigado a escapar ao longo da sua frente, indo abrigar-se á retaguarda d'elles.

Annibal estava immovel, o seu ultimo recurso havia-lh'o suggerido a sua bem organizada cabeça. Não perdêra o sangue frio no meio dos encontrados successos d'este dia memoravel, guardára o seu ultimo expediente para fazer decidir de todo a acção a seu favor.

Este recurso comprehendeu-o, e malogrou-o a perspicacia de Scipião.

Annibal, o typo do genio, resistindo á adversidade, queria tirar partido da propria derrota: esperava que o ardor do combate disseminasse os romanos na perseguição dos fugitivos, para então os atacar com a sua reserva intacta e unida, e destruir assim mais facilmente o inimigo disperso e desordenado.

Scipião comprehendeu o plano, conheceu que a batalha ainda não tinha começado, porque o verdadeiro exercito cartaginez eram as reservas d'Annibal, antes d'elle derrotado não podia cantar victoria, e, com effeito, não se enganava.

Quando viu rotas as duas linhas do exercito contrario aproveitou-se da desordem; chamou os seus soldados, reuniu-os, e não os deixou continuar na perseguição dos inimigos. A carnagem tinha já sido grande. Scipião mandou tirar pelos *velites* os mortos e os feridos, que podiam prejudicar a manobra; depois mandou cerrar os intervallos aos *hastiaros*, formando uma linha continua; no flanco dos *hastiaros* mandou collocar os *principes* tambem com os intervallos unidos, e nos flancos dos *principes* os *triaros*, na mesma formatura; já se vê que o exercito roma-

no ficou todo n'uma só linha continua, de que os *hastiaros* formavam o centro, tendo em cada flanco metade dos *principes* e dos *triaros* de todo o exercito.

Annibal, vendo todas as suas disposições malogradas, avançou em boa ordem com a sua terceira linha, para combater o exercito romano assim formado. Não era de balde que elle se fiava nos seus veteranos da Italia: o choque foi terrivel de parte a parte, fizeram-se taes prodigios de valor, que a victoria esteve, e estaria largo tempo indecisa.

Um ponto negro surgiu no horizonte á retaguarda do exercito cartaginez, era a sua perda infallivel; só a má estrella de Carthago o faria apparecer tão cedo.

Laelius e Massenissa, em logar de continuarem a perseguir a cavallaria romana, tendo-se encontrado, e combinando que na sua mão estava decidir a batalha, voltaram para traz, e vieram atacar pelas costas a linha cartagineza, exactamente quando ella estava empenhada em combate com todo o exercito romano. Foi necessario ceder, porque a este duplo ataque os mais valentes exercitos têm succumbido sempre.

O exercito cartaginez ficou quasi completamente aniquilado, calcula-se a sua perda em 20:000 mortos, e outros tantos prisioneiros.

Annibal, tendo esgotado todos os recursos do seu genio e do seu valor, abandonou o campo da carnagem, onde já não podia ser util a Carthago. A fortuna virou-lhe as costas. Desde então Annibal *passára* como *passam* todos os grandes generaes, quando a fortuna lhes é infiel.

O presente ia desprezál-o, porque faz os generaes responsaveis pelo resultado das batalhas; o futuro devia rehabilitál-o, porque exige simplesmente, que o general tenha empregado todos os meios para vencer; o resto pertence ao destino, ou, para melhor dizer, á Providencia, e esta olha ás vezes a causas mui diversas da exactidão da manobra, ou do impulso das cargas, para fazer decidir as acções.

Não obstante o desastre de Zâma, Annibal passa por ser um habil estrategico, e um grande general da antiguidade.

A critica militar não tem deixado de se exercer largamente sobre esta batalha; ella reprehende principalmente a Scipião o ter formado n'uma só linha, quando ainda tinha a sustentar o choque de toda a reserva do exercito cartaginez, não tendo assim conservado um ponto d'apoio, que tanta probabilidade tinha de lhe ser necessario. Accusa egualmente

Annibal por ter atacado com as duas primeiras linhas, tambem separadas, os *hastarios* romanos; os criticos dizem, que seria muito preferivel formar uma só linha das levas cartaginezas e dos auxiliares ou estrangeiros, o que lhe facilitaria involver o exercito romano, atacá-o pelos flancos, carregá-o depois com a reserva, e destruil-o antes de chegar a cavallaria.

Nós já dissemos, que não foi o erro da manobra, mas sim a covardia dos recrutas cartaginezes, quem malogrou os projectos de Annibal; entendemos que tanto compromet-

teriam a acção na segunda como na primeira linha; se houvessem carregado a tempo, Carthago triumpharia mais uma vez.

Na guerra a infelicidade quasi sempre se explica pelos erros individuaes, é o que tem succedido desde Annibal até Napoleão; ha felizmente um juiz, que nunca se engana, que é superior á critica, e perante o qual os grandes homens acham sempre justiça, — é a posteridade, — ella collocou Annibal no logar que de direito lhe pertencia.

F. DE NOVAES.

MISCELLANEA.

OS ESCRAVOS NA RUSSIA.

(Continuado da pag. 161 do 5.º n.º)

II.

A CHAVA-ME um dia, depois de jantar, em o gabinete de um *senhor* russo, conversando familiarmente com elle, tomando uma chavena de excellente *moka*, e fumando em um longo cachimbo turco. De repente abriu-se a porta, e o mordomo, seguido de tres ou quatro criados de libré, adiantou-se até junto de nós, depois de nos ter saudado profundamente.

« Excellencia, diz elle, voltando-se para o senhor, vimos queixar-nos do máu comportamento d'Alexis; é um rapaz, que é a vergonha d'esta casa, e se v. ex.ª dá licença, nós mesmos nos daremos ao trabalho de lhe applicar uma boa correção. »

— Façam lá isso! disse friamente o senhor, expirando uma expressa nuvem de fumo, que subiu em espiral até ao tecto.

— Quem é este Alexis? perguntei eu, quando os criados saíram.

— É um diabo de um tal sugeito, que tem

pretenção de ser meu criado de quarto; mas que passa a sua vida a roubar-me, a embebedar-se, e a desancar todos aquelles que pôde.

— Que especie de castigo vão applicar-lhe os quatro individuos, que saem d'aqui?

— Eu sei cá! O cacete, o chicote . . . ; mas parece-me que é trabalho perdido: o maroto tem a pelle dura, e o coração de pedra.

No fim de um quarto de hora, despedindo-me do meu hospede, e querendo ir vêr uma outra pessoa, que habitava na mesma casa, atravessei um extenso corredor. Gritos suffocados vieram ferir-me os ouvidos; dirigi-me para o quarto d'onde elles saiam, a porta estava fechada, não pude entrar; mas vi pelo buraco da fechadura o desgraçado Alexis meio despido, prêso aos pés de um leito, e os quatro criados, que eu tinha visto primeiro, munidos de cacetes cheios de nóz, e descarregando com toda a força rijas pauladas nas costas do padecente.

Fiz novas diligencias para abrir a porta; chamei, gritei, mas a bulha das cacetadas co-

briam a minha voz. Não tendo força para arrombar a porta, retirei-me.

Passados alguns dias, encontrando uma tarde o amo de Alexis, dirigi-me para elle.

— Então o que foi feito do vosso homem?

— Que homem?

— Alexis.

— Ah! Ah!

— Pareceu-me quando passei, que os vossos criados lhe applicavam uma correcção um tanto aspera.

— Pareceu-vos?

— Se me parece! Ouvi tudo.

— Pois bem, sabeis o que resultou?

— Eu não; mas naturalmente emendou-se.

— Pois então ouvide agora. O tal sujeito, logo depois da competente data de cacete, com os olhos enxutos, e ar de riso, vestiu-se o mais depressa que pode, e foi para a taberna, d'onde tem o bello costume de sair sem dar acôrdo de si, e lá se deixou estar até á tarde; mas d'esta vez para coraor dignamente este bello dia, alugou um *drowschky* (*), e andou a passeiar mais de duas horas em toda a cidade; depois apeou-se em sitio, que tinha uma outra saída, e deixou o cocheiro á espera do aluguel até á data d'hoje!

— Que ides agora fazer d'este incorrigivel?

— Vou mandál-o para uma das minhas terras guardar porcos, até o poder alistar como soldado.

A faculdade, que um senhor russo tem de dar ou de mandar dar nos seus escravos é illimitada. Assim mesmo, se não usassem d'ella, senão a respeito d'aquelles individuos do genero do que acabámos de fallar, não seriam muito para censurar; mas exercem-a para com todos indifferentemente. Velhos, rapazes, homens feitos, mulheres casadas, gravidas mesmo, raparigas nubéis, ninguem deixa de experimentar os rigores do cacete. É a *ultima ratio* necessaria, inexoravel. O senhor russo nunca se afasta d'ella, de perto como de longe vigia na sua execução. Conta-se de um d'estes senhores, que descontente de um escravo, a quem tinha dado um logar de confiança, mandou-lhe uma ordem do extremo da Italia, onde se achava, para se dirigir immediatamente a Florença. Logo que o individuo lá chegou, mandou-lhe administrar uma tremenda roda de páu, e depois pôl-o no mesmo instante a caminho para a sua aldéa!

Mas a lei, dirá alguém, a lei não se oppõe a tantas extravagancias? Não senhor... É verdade, que ha um paragrapho que diz, que

todo o proprietario que inflingir a um escravo um castigo corporal, a que se siga a morte, será accusado perante os tribunaes, se a morte sobrevier em *tres dias a contar do do castigo*. Além d'este prazo, a morte é considerada natural, e o algoz senhorial não tem crime. Amarga ironia! Parece que a lei tem querido de proposito favorecer os instinctos os mais selvagens dos privilegiados! Porque, emfim, antes de matar um homem em tres dias, de que soffrimentos inauditos o não podem fazer victima.

Mas, supponhâmos mesmo, que o escravo castigado succumbe no periodo fatal, acredita alguém que o senhor terá algum incommodo? Podem dar-se n'este caso duas hypotheses: ou o assassino ficará ignorado, e a justiça não intervirá, ou será denunciado, e a justiça tomará conhecimento do facto. O processo ou averiguação terá por fim, naturalmente, o verificar a morte, e a causa da morte do paciente. Ora, nada mais facil ao proprietario do que chamar ao seu partido o medico, que fôr encarregado d'esta averiguação. Um medico addido a um tribunal será menos venal, que os juizes d'esse tribunal? Na Russia todos os funcionarios se assimilham uns aos outros; assim, quando succede morrer um escravo de morte violenta, e que esta morte dê logar a uma devassa, pôde contar-se que se vê sempre o medico de partido attribuil-a a um ataque de apoplexia. Conta-se de um proprietario, habituado a praticar este crime, que tinha posto o nome de *apoplexia* a um dos seus chicotes o mais mortifero.

Não é só nos meios de corrupção, que o senhor está certo de achar a impunidade do seu crime, a lei tem cuidado de lhe facultar outros mais promptos e efficazes. É por uma hypothese inteiramente gratuita, que figurei o crime denunciado. Para isso era necessario que houvessem outras testemunhas, que não fossem os proprios escravos. Ora, quando isto succede, é só em casos extremamente raros, e por effeito do acaso. Retirado nas suas terras, o senhor russo põe em pratica as suas obras de tyrannia, longe de todas as vistas de pessoas estranhas; os seus proprios escravos não os teme, porque esses não podem denunciál-o, nem dar testemunho contra elle.

Sim, tal é a lei: « Se um escravo, diz o *Svod* (codigo de leis russas) afastando-se da obediencia que deve a seu senhor, apresenta contra elle uma denuncia, e com maior razão, se dirige esta denuncia directamente a Sua Magestade o imperador, é entregue tanto elle como aquella pessoa, que lhe redigiu e es-

(*) Especie de carrinho descoberto.

creveu o requerimento á justiça dos tribunaes, e tractado segundo todo o rigor das leis. » Por este rigor entende-se a pena de *knout*, ou das chibatadas, e o destêrro para a Siberia.

A denuncia do escravo contra o senhor não é permittida senão em os dois casos acima mencionados, isto é, quando ha da parte d'este ultimo conjuração contra a segurança do Estado, ou dissimulação do numero de habitantes tributaveis, que estejam estabelecidos nos dominios senhoriaes.

Assim, não é bastante para o codigo russo o legitimar o roubo dos bens adquiridos pelos

escravos, não é bastante para o codigo russo subjugar o escravo em todas as faculdades da sua alma, e de lhe submeter o corpo ás mais violentas torturas, é necessario ainda que lhe tire todo o recurso contra a tyrannia, que o esmaga. O que é o homem, o que é o christão aos olhos dos legisladores do imperio dos Czares?

Fallei do *knout* e das *battogues* (varadas), não é sem interesse explicar em que consistem estes dois generos de supplicio, é o que passámos a fazer no artigo seguinte.

(Continúa).

FOLHETIM.

COSTUMES TURCOS.

(Continuados de pag. 170 do 5.º n.º).

II.

TRACTAMOS dos harens e das mulheres turcas; agora, para seguir a ordem dos affectos, vamos-nos occupar d'aquelles entes, que logo abaixo, ou, talvez, mesmo acima das proprias mulheres, mais merecem o amor, e attraem as sympathias dos habitantes da Turquia. Note-se que dizemos habitantes da Turquia, e não turcos, porque lá, n'este sentido, osmanlis, armenios, bulgaros, valaquios, moldavios, gregos, judeus, etc., todos são o mesmo; e se tão acordes estivessem em quanto aos outros pontos controversos, não havia guerra entre elles estes cem annos mais chegados. Estes entes, perdão minhas senhoras, olhae que são os turcos, e não nós, que fazem o paralelo; estes entes que se preferem ás mulheres, são as... são as pulgas! Malvados turcos, mais quem os trouxe Europa. Por toda a parte onde vêem uma pulga, deitam-se a ella com um grito de alegria; fazem-lhe festa por muito tempo antes de a matarem; e desenvolvem tanta arte e destreza para a apanharem, como o mais habil caçador para fregar uma perdiz, ou um pato bravo, no meio de um bando d'elles.

Os taes animaesinhos, reconhecendo, como

é de suppôr, a grande estima que lhes testemunham, têm-se estabelecido em uma quantidade enorme em o paiz. São de facto uma das raças nacionaes da Turquia, a unica, talvez, que nada tenha a pedir ao governo, nenhuma injustiça, cuja reparação exija, nem interesses lesados que demandem uma *protecção prompta e immediata*. Como a maior parte das casas são de madeira, encontram n'ellas excellentes abrigos, quartos seguros, onde estão inacessiveis á vassoura do criado; do criado, dizemos, porque lá a criada na Turquia não apparece assim em toda a parte.

Deixemos fallar o proprio viajante d'onde extrahimos estes apontamentos.

« Estes pequenos animaes são tão vivos, tão encarniçados nos seus ataques, e tão bons apreciadores da delicadeza da pelle de todo o individuo, que chega de novo, que conservam o estrangeiro em um continuo estado de effervescencia, e de movimento, o que é extremamente salutar para elles, especialmente se são de natureza apathica; mas que ainda estes naturalmente dispensariam.

« Não se deve ligar, a uma casa cheia de pulgas, a minima idéa de falta de acieo, ou cousa que fique mal aos seus donos ou donas, antes pelo contrario, visto que estes pequenos

animaes são considerados como proprietarios do paiz, tendo ahí tantos direitos, ou, talvez, mais do que os proprios habitantes: assim rir-se-hiam com o maior desdem da pessoa que se mettesse a saudir as pulgas de um leito, ou de um sophá. Uma senhora do arrabalde de Pera, (e as senhoras d'este sitio são quanto ha de mais *fashionable* na Turquia) mais de uma vez interrompe a sua conversa para apanhar, com certo ar de abandono, uma pulga que lhe passeia sobre o vestido, e, depois de a torcer entre os delicados dedos com um sorriso cheio de amabilidade, deixa-a cair no chão, perdoando-lhe, quando muito, a pena de morte.

«Vêem-se ás vezes dois mercadores, ainda os mais serios de Galata, pararem no meio dos seus negocios para apanhar com a maior polidez, um ao outro, uma pulga que lhes salta pelas camizas, e depois de lhe terem dado cabo da vida em cima do mostrador, continuarem a tractar de saccar letras sobre Londres, ou de discutir a alta dos cambios.

«Não ha um unico individuo em todo o imperio, que possa resistir á tentação de perseguir uma pulga onde quer que a vir. A caçada das pulgas é para os orientaes o que era o laço para os Pelles-Vermelhas, e a caça das rapozas para os inglezes, aqui ha meio seculo, isto é, um prazer, uma paixão. Logo que esta agil, e original especie de caça apparece, não importa onde, nem quando, os olhos do turco brilham com um fogo desusado, o ardor da caçada anima as suas feições, uma especie de instincto lhe faz levantar a mão ás escondidas; e, com o seu golpe de vista tão seguro, que pôde tornar-se proverbial, um instante depois abaixa a mão, e o filho de Pera, depois de ter esfregado por algum tempo o dedo index contra o pollegar, com uma tranquilla satisfação, entrega-se novamente ao seu trabalho, qualquer que elle seja, mas que não pôde deixar de interromper para semelhante fim.

Para a forca, ou para o casamento que vá, o turco pára por forca para apanhar uma pulga. Este habito deve-os ter obrigado a faltar a bastantes entrevistas, e perder sommas consideraveis; mas está de tal modo implantado em a sua natureza, que nunca se desfazem d'elle.

«Entrei n'alguns quartos, onde o chão estava coberto de pulgas, como de uma camada de poeira, e onde a cada um dos meus passos esmagava centos d'ellas; mas, se por acaso exprimia o meu desgosto por esta circumstancia, tornava-me tão incomprehensivel para os habitantes de Pera como o teria sido para um chinez, a quem dissesse que não

gostava de cão guizado. São capazes até de argumentar convosco a este respeito se os apertardes muito, e sustentarão, como Mirabeau, o mais velho, que a pulga é a amiga do homem. Dir-vos-hão que as pulgas conservam a pelle em um estado de irritação extremamente salutar para o homem em um paiz quente, prevenindo assim a accumulção dos máus humores.

«Tendo eu um dia reprehendido o moço da hospedaria, porque achei no pão que me trazia uma grande quantidade de pulgas, umas já cozidas, outras ainda vivas, este sujeito, que fallava todas as linguas do mundo, em uma especie particular de máu francez, assegurou-me que o padeiro era um pouco supersticioso a respeito d'estes animaesinhos, e acreditava que elles traziam a fortuna! E depois de ter conversado este rapaz, conheci que elle tambem não estava isento de acreditar isto mesmo, como succede a quasi todos os do paiz. Disse-me que acalmar a irritação causada pelas pulgas era sempre uma occupação agradável; que se devia notar que nunca mordiam a gente em qualquer logar que lhe fizesse mal, nunca picavam os olhos, ou os ouvidos, nem abriam uma arteria; provas estas sufficientes de que as pulgas são amigas do homem. Disse-me que não sabia (e lá isso tambem eu não) o que fariam as pessoas ricas do arrabalde de Pera se não se entretivessem em apanhar pulgas. Pensava que eram para os ociosos um motivo de distracção, que os impedia de praticarem o mal. Disse que muitas vezes o apanhar uma pulga em outra pessoa, era uma bella occasião de começar a conversa ou travar conhecimento, e que os conhecimentos tomados d'esta maneira têm muitas vezes produzido amizades uteis e duraveis. Sabia de mais de um casamento causado por uma galanteria d'este genero. Tinha ficado uma vez muito surprehendido da injustificavel colera de uma ingleza, no hombro da qual tinha conseguido apanhar uma pulga, para o que empregou um destro movimento da sua mão esquerda, em quanto com a direita lhe apresentava um prato de cabrito recheado. A ingleza deu um grande grito, e o marido ameaçou o officioso rapaz de lhe dar com um chicote, ficando elle estupefacto de tal conducta a seu respeito; pois que, em eguaes circumstancias, uma senhora de Pera não teria levantado os olhos de cima do guardanapo.

«Procurei fazer-lhe entender, que os inglezes, vivendo em um clima frio, não podiam comprehender, tanto como os turcos, a utilidade das pulgas; mas não me quiz acreditar. O seu espirito não podia admittir um facto

que tão extraordinario lhe parecia. Estava para com elle como o cavalleiro christão, que foi estrangulado immediatamente por ter dito a um rei mouro, que no inverno a cavallaria podia passar a pé enxuto em alguns dos nossos rios.

« Lembro-me que uma alta personagem atrahiu um dia particularmente a minha attenção, pela maneira especial por que se collocou para dar caça a duas pulgas, que estavam na almofada do sophá. Principiou por as enxotar com a extremidade de uma caneta d'ouro, e depois perseguiu-as por alguns minutos com o mais vivo prazer. Era um homem de barba branca e comprida, aspecto

nimiamente veneravel. Por fim fez cançar a caça, e tendo apanhado, como de costume, a victima entre o index e o pollegar, immolou-a sobre o canudo do cachimbo, que um amigo officioso lhe offereceu para esse fim.

« Nas mesquitas, na praça do mercado, nos frescos e bellos palacios, que se elevam junto ao mar, nos cafês da cidade abrazadora, por toda a parte onde ha um Pérota, ha uma pulga, e o maior prazer do Pérota é apanhar uma boa pulga.»

Á vista d'isto, os leitores não, mas as leitoras, que nos digam se o Czar não tem razão de querer dar aos turcos outra qualidade de entretenimento.



O CAPITÃO LIPANCHO.

Não vos assusteis, amigo leitor, e muito menos, ex.^{ma} leitora, que nos faizeis a honra de lêr a nossa *Revista*, e que, pelo costume, esperaveis n'este logar algum valenciano, vendedor de louça, biscainho, tocador de guitarra, castelhano, passeador de *la puerta del sol*, ou cousa que se parecesse a hespanhol. Não, senhora, desde que os hespanhoes se pronunciaram, interrompemos as nossas relações com elles, o exemplo é contagioso, e nós temos tanto desejo de nos pronunciar contra os massadores, que tivemos medo de os imitar.

Ficae, pois, tranquillias, minhas senhoras, ainda que haja vinte confederações ibericas, seiscentos caminhos de ferro, quatrocentas diligencias, tão rapidas e bem servidas como a do Alemtéjo, o original da presente estampa não desembarcará d'Aldeagallega, ou não chegará por terra ao caes do Tojo, com aquelle trajo indecente, aquella cara de mono, e aquelle barrete de plumas, para engrossar a chusma dos hespanhoes, que hão de vir allegar seus serviços á confederação, para requererem algum logar, que, para fallar a verdade, se forem os *vagos*, terão de se contentar com o de substituto do substituto do regedor, ou de ajudante do fiscal das multas dos dez tostões, *pagos ás esquinas*, unicos que os *pretendentes* de cá terão cuidado de deixar para elles.

O capitão Lipancho, que a nossa estampa

representa, é um typo mui caracteristico de uma raça especial de indios da America do Sul. Não podêmos deixar de dizer, que nos parece que o tal sujeito, de capitão só tem o nome, e assim como assim, o tal barrete, verdade seja tambem, que nós por ali conheçemos capitães, que nem por tanto se poderá dizer que o são; mas assim mesmo não nos parecem tão feios como o tal Lipancho.

Facil paiz de conquistar nos parece aquelle em que taes sujeitos são capitães, e se a escala vae progressivamente decrescendo em elegancia e garbo militar, sempre quizeriamos, que nos dissessem, que taes serão os soldados? Os do Papa devem ser uns colossos á vista d'elles, e os nossos do J...sinho uns granadeiros d'Austerlitz, capazes de os tragarem de um golpe.

Não temos á vista o typo da chara metade do capitão Lipancho, e das outras *metades* de similhante raça; mas se as vivandeiras do exercito se parecem com os seus capitães, nós lembravamos um meio mui philosophico de substituir a pena de morte, era pôr no codigo: — « Por crime de morte, envenenamento, violação, ou parricidio, e todos os outros que merecerem pena ultima dez annos de casamento com uma Lipancha. » Estamos convencidos, que, depois de sair a tal lei, não haveria no mundo senão santos e devotos; e este mundo era o melhor dos mundos possiveis.

POESIA.



UMA PAIXÃO.

ROMANCE EM VERSO E EM CARTAS.

CARTA PRIMEIRA.

FRONTINO A ADELIA.

Noite o luar vae surgir fóra,
Duvidoso clarão invade os campos:

Não ruge o furacão, não sopra a brisa,
É muda a natureza, só eu vél-o,
E o meu ardente amor vél-a comigo.
Venceste, parabens, ó minha amada,
Agora o conheci, debalde tento
Extinguir a paixão que arde em meu peito,

Louco julguei, fugindo, te esquecia,
 E o meu amor cresceu n'ausencia tua :
 E fugir-te, que importa ? Fulge viva,
 Qual lampada em altar d'escuro templo,
 Na perturbada mente a tua imagem,
 Melhor a vejo quando cerro os olhos,
 E tudo quanto ha bello m'a recorda.
 Nos queixumes da brisa que suspira,
 Entre amenos rozaes na madrugada,
 Sons da tua voz saudosos sonho,
 E choro e muito ao esvair-se o sonho :
 Da lua o raio tremulo que escapa
 E vem tão meigo refulgir nas flôres,
 Um olhar d'esses teus se me affigura,
 Que provam ao feliz em que se fitam
 Que tambem cá na vida ha céus p'ros homens,
 Nas perolas do rocio que scintillam
 Ao riar da manhã nas frescas rosas
 Vi teu pranto a luzir nas faces tuas,
 Sonhei choravas na ausencia minha,
 E n'um extasi d'amor libei o rocio,
 Que na aridez de meus labios foi sumir-se,
 Qual s'esvae, ao tocar, do escravo o pranto
 O sólo ardente d'africanas praias,
 No derradeiro adeus á liberdade.
 Perdão, porque eu deliro, ó minha Adelia ;
 Porém na solidão d'esta minha alma,
 Triste qual uma noite em céus do pólo,
 Luz uma esp'rança, sem a qual morrerá.
 Vêr-te, oh vêr-te, uma vez inda na vida,
 Os olhos meigos, incendiada a face,
 O peito arfando, o anhelito convulso
 Voando em fogo pelas faces minhas,
 Lagrimas a luzir, mas como a furto,
 A fronte no meu hombro, a voz tremente,
 E na doce emoção de teus sentidos,
 Arca a arca o pudor com teu delirio
 Dizeres e'a branda voz nascida d'alma,
 O delirio venceu, eu amo, eu amo.
 Vêr-te, oh ver-te uma vez, qual eu te vejo
 No vago delirar da mente em fogo,
 Vêr-te, e depois morrer ou possuir-te.
 Dize, ó Adelia, dize, ó minha amada,
 Será um sonho vão tão lèda esp'rança ?

CARTA SEGUNDA.

ADELIA A FRONTINO.

Será um sonho vão tão lèda esp'rança ?
 E o que é mais que um sonho a tua carta ?
 Julgas que eu creio as phrases que escreveste ?
 Amor no coração dos homens todos
 É vã chimera que s'esvae qual sombra,
 É fogo que reluz, mas que não queima,
 Relampago fugaz d'estio em noite,
 Brilha por esses céus, sem causar damno.
 Palavras vãs, conceitos tão sonoros
 Ninguem os ouça, que os não creia puros :
 Um volcão, uma chamma abrazadora,
 Arde no peito, e os devora a todos
 Mas depois, s'incautas nos deixámos
 Nós loucas seduzir por a voz tão doce,
 Após um só momento é gèlo o fogo,
 E some-se a paixão no desengano ;
 O fogo fica então no pranto em fio
 Que vem sulcar as faces incendiadas,
 A nós mesquinhas de quem toda a culpa
 Foi crêl-os homens, não julgál-os tigres,
 Tigres que folgam só c'o mal que fazem.
 Seu extremo prazer é só vencer-nos,
 Se nos vêem chorar, victoria cantam,
 Lagrimas nossas são o seu triumpho.
 Frontino, é sonho vão a tua carta,
 As tuas expressões tambem um sonho
 De que tu has de rir ao despertares.
 Romanticas visões não crê Adelia,
 Dos homens os ardis tambem conhece,
 Graças aos numes póde rir-se d'elles.
 A febre delirante que te agita
 A paz da solidão ha de abrandar-te,
 Quando volveres a me vêr de novo,
 Ambos sorrindo ao fogo lançaremos
 A carta tua, que has de lèr córando ;
 E comigo dirás, córando ainda,
 Não existe o amor em peito d'homens.

(Continúa),



MODAS.

EXPLICAÇÃO DO FIGURINO.

TOILETTES DE CAMPO — 1.ª FIGURA.



ESTIDO de tafetá d'Italia côr de rosa, com dois folhos, formando quasi uma segunda saia; as extremidades de cada folho têm duas ordens de pequenos recortes sobrepostos ao folho, e guarnecidos com dois pequenos galões côr de rosa.

O corpo do vestido é pouco decotado, e termina em abinhas á hespanhola, guarnecidas do mesmo galão dos folhos. Dois laços de fita côr de rosa fecham o corpo do vestido. Mangas á hespanhola, lizas na parte superior, e com tres folhos recortados e sobrepostos do cotovelo para baixo. Botinhas cinzentas. Chapéu pequeno de tafetá branco com renda de palha d'Italia, e um laço no alto da aba. Fitas do chapéu com uma risca côr de palha só de um lado. Luvas de Suecia, amarellas mui desvanecidas.

2.ª FIGURA.

Vestido de tafetá de grandes quadrados azues e brancos. Cada quadrado grande tem no centro pequenos quadrados, que poderíamos chamar em miniatura. Corpo do vestido afogado, e abotoado com botões de turquezas; as abas formam grandes prégas em canudos, separados por tres riscas de fita; as mangas extremamente largas, apertadas logo acima do cotovelo, e terminando em um unico folho, mas extremamente farto; a manga pôde dizer-se, que pouco abaixo chega do sangradouro. Por baixo da manga do vestido uma segunda manga de tarlatana enrufada transversalmente, e enfeitada com entre-meios de *valenciennes*. Colerete á Henrique 4.º, também de *valenciennes*. Sapatinhos de salto de courinho inglez, cinzento claro com laços de fitas. Chapéu de palha d'arroz com folhos de blonde, e grinaldas de rosas amarellas de crepe, postas de cada lado, e quasi na extremidade da aba. No interior, enfeites de blonde, e uma pequena grinalda de botões de rosa amarellas; as fitas do chapéu côr de ouro. Pulseiras azues; luvas de pellica.

3.ª FIGURA.

Menina de 4 annos. — Vestido de *nansouk*

muito claro com pequenas prégas de distancia a distancia sobre a saia. O corpo do vestido aberto no peito, com as bandas voltadas para fóra, as abas cortadas em quadrados; calcinhas bordadas; botinhas verdes de setim francez.



QUARTA CARTA.

A viscondessa Ernestina de Saint-Phall, á condessa de L...

Versailles, 8 de agosto de 1854.



EIXEI Paris, minha querida L..., como tu deixaste Lisboa. Mas Versailles, para onde eu vim, é que não vale a Cintra para onde tu foste, quer dizer, em attractivos naturaes, porque, em quanto á arte, excede-a incomparavelmente; mas quando se procura o campo, quando se foge das grandes cidades, é a natureza que se procura em toda a sua simplicidade, isto é, em toda a sua belleza, é só ella que se aprecia, e que nos commove.

Porque Paris está abandonada pelo grande mundo, não creias tu, que as modas acabaram; pelo contrario, nunca se prepararam tão bellos, tão elegantes estofos, nunca a phantasia das nossas modistas esteve mais caprichosa, mais seductora, nunca a inspiração artistica brilhou mais do que hoje na composição de um *deshabillé provocador*, e ao mesmo tempo *innocente*.

Nunca as flôres artificiaes disputaram mais mimo e frescura com as flôres, que Deus nos cria; nunca a moda triumphou mais, porque hoje reina pelos salões, ou debaixo das arvores; nos theatros, ou nos parques; junto aos lagos phantasticos dos jardins, ou nos elegantes *boudoirs* das ricas herdeiras da *Chaussée d'Antin*, demoradas na sua ida para o campo por motivos... de familia.

Agosto é o mez da transição, quanto aos feitiços, a moda adivinha-se; *mas ainda se não confessa*. Algumas semanas mais, e o outono vaç chegar; e será então, que a moda tomará a sua consistencia, a sua eternidade..... um trimestre.

Entre intimas, como nós, não pôde haver segredo, e muito menos diplomacias: diz-se

a meia voz, que para o outono as abas vão acabar; muitos dos nossos vestidos mais ligeiros já as não apresentam. Os chapéus continuam pequenos, e as copas pequenissimas, imperceptíveis n'alguns. Que transformação lhe apresentará o outono? Não te posso hoje dizer; mas os *marabouts*, e as diversas especies de plumas presentem a approximação d'este novo periodo, e então, como sempre, por esta quadra do anno, hão de fazer parte dos novos toilettes.

Se em feitios é hoje tudo *transição*, se nada ha definido, exacto e positivo, não succede o mesmo quanto ás diversas qualidades de fazendas.

Que variedade, que elegancia, que belleza de arrebatador apresentam esses estofos, que alardeiam pomposamente os nossos armazens de primeira qualidade. Vêde as *bareges* de listas assetinadas e quadrados á *Ponpadour*, que na tua ultima me dizes figuram tambem com distincção nas vidraças dos primeiros armazens do Chiado, que fazenda tão linda, tão elegante. As cassas da China são, comtudo, mais proprias para o passeio da manhã, e a fazenda que hoje mais revela a grande dama, a que pôde gastar um vestido n'um passeio, que tem uma criada grave sempre ás suas ordens, para restituir a cada um dos vestidos que usa, a sua frescura, e a sua fôrma primitiva: a nova cassa pintada, os *organ-dis* bordados, são as fazendas mais usadas, e mais em moda.

Fallei-te nos *deshabillés*, é necessario dizer-te em que consistem os mais modernos.

Nada mais proprio para uma senhora linda e rapariga do que este *toilette* de manhã, que parece não inculcar pretensões, e que, no entanto, é todo arte e attractivos. As vezes fica-se assim mais bem vestida do que com um grande vestido, todo cheio de laços, de fitas, de folhos, e de prégas.

Um simples roupão de cassa branca comprido, fluctuante, largo, com enfeites simples, guarnecido de *valenciennes*, e atado na cintura com uma fita igualmente simples de tafetá azul, branco ou côr de rosa; um lenço do pescoço, ligeiro e quasi diaphano, por cima a *veste*, aquelle engraçado vestido parisiense, que fluctua á vontade, e deixa vêr a camisinha em fôrma de colete, dando ás nossas primeiras elegantes o aspecto das turcas do harem com os seus longos *seredgés*, é o mais *recherché*, o mais *fashionable* dos *toilettes* em *deshabillé*.

Terás reparado em nunca te ter fallado minuciosamente em os penteados; é a maior das tyrannias, o maior dos despotismos, e deixa-

me recordar de todos esses nomes feios com que ouço um figurão de cara de gato assanhado, e olhos de marroquim, deputado e amigo do papá, appellidar o comportamento do imperador da Russia, para os repetir á malvadez com que a moda quer prescrever regras para os nossos penteados!! Horror, minha querida L***, que horror, um rosto comprido, magro, proeminente, que seria agradavel, se fosse symetricamente encaxilhado entre luzidos caracos de um cabello louro, fino, assetinado e lustroso, ha de tornar-se feio, repugnante, de metter medo, porque a moda ordena e exige que os cabellos se arripiem, se levantem, e *desafrontem completamente um rosto*, que a natureza talhou para ser *affrontado*. Se o parecer é cheio e redondo, a physionomia oval, para que serve inundá-lo de uma chuva de cabellos, que lhe augmentam as dimensões, e parecem desfeial-o de proposito.

Guerra á moda nos penteados, allieo-nos para isso, as nossas esquadras serão as nossas pennas, e as nossas palavras as peças de artilheria, e para fazermos mais do que o tal Napier, segundo ouvi dizer ao homem dos bigodes arripiados, parece-me que não precisaremos muito trabalho.

A palha está em toda a sua gloria. — Palha d'Italia, palha da Suissa, palha ingleza, palha d'arroz, todas se usam, e todas apparecem. Mas a estas palhas é necessario dar-lhe um feitio tal, que façam esquecer a primavera, e lembrar o outono.

Não posso deixar de te fallar de uma moda agora recentissima, são as *bijouterias* de cabello. Esta moda veio d'Inglaterra. A ingleza leva até á idolatria o culto das recordações, e do sentimento. Em Inglaterra até a mulher do povo tem o seu bracelete de cabelo, é o culto do coração. É para surprender as bellezas, que n'este genero se estão aqui fazendo. Que-reis uma flôr de cabelo? um cacto, uma tuly-pa vem n'um instante, entregae a madeixa preciosa, e a inspiração artistica de mr. Lenier a transforma n'aquelle objecto que desejaes. São cachos d'uvas, fructas, flôres, o que desejaes, a *bijouteria* em cabello resolve a phrase lisongeira do cortezão á rainha, — se é possivel está feito, se é impossivel, — ha de fazer-se.

Assim não fosse um impossivel para mim o apertar-te nos meus braços, e dizer-te de viva voz, como por escripto, que, para contigo, é sempre a mesma a tua

S. PHALL.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DO N.º 5,
ABEL.



Imp. Mariton

LE BONTON

Journal de Modes.

Chapeaux de Mariton, 2 pl. de la Madeleine. Fleurs de Bénard, r. des Petits Champs, 61. Robes de M^{me} Reytel, 1, r. de la Paix. Corsels de Mad. Hippolyte, Fourn. de l'Impératrice Eugénie, 11, r. de la Paix. Parfumeries de la Société Hygènique, r. Rivoli, 65.

On s'abonne à la Société des Journaux de Modes réunis à Paris, r. St^e Anne, 64